

774

4.00

2.
F.

REMEDIO

PARA

MATAR PAIXÕES

ROMANCE ORIGINAL

DE

A. Augusto de Pinho



RIO DE JANEIRO

Typographia da *Familia Maçonica*

RUA DE S. JOSÉ N. 105

1879

A'

Henrique Chaves

Em tributo de amizade

OFFERECER ESTE ESCRITO

O AUTOR.

REMEDIO PARA MATAR PAIXÕES

I

Este conto singello, mas verdadeiro, passou-se no mez de abril de 1870.

Ora eis um mez que dá bem para uma tirada de poesia. O mez de abril, o dos enganos no começo, o dos logros emfim !... o mez das flôres, o mais bello mez da primavera, o mez...

E por ahi além.

Mas eu dispenso-me de dizer cousa alguma sobre o mez e os leitores creio que o dispensarão também.

Fazemos proposito de não sermos prolixo e se por ventura fizermos alguma consideração philosophica, é só para meter *mão em sedra alheia*, ou como se diz na frase corrente e popular—*é só para os moer*.

No mais seremos simples chronista, photogra-

pho litterario, reproduziremos os factos taes quaes se derão.

Ahi vai, pois, a historia :

Entremos na casa da rua da Quitanda n. 527, subamos ao primeiro andar, e penetremos em um escriptorio da frente ; cuja porta se acha aberta apesar de estar o relogio da *Pendula Fluminense*, no tempo em que ainda não tinha gallo, dando oito horas da noite.

Nesse escriptorio encontramos um mancebo, cuja idade não podemos dizer por não lhe termos visto a certidão de baptismo ; curvado sobre uma carteira, examinando um balancete da caixa, mais por desfastio que por labor, pois ao passo que o examina, boceja, fuma, olha para o tecto, para as paredes, para a rua e torna a olhar para o balancete. E nisto tem elle gasto mais de uma hora !

E neste entretenimento seria capaz de passar o resto da noite, se de subito não invadissem a sala um novo personagem, que desde á porta lhe bradava :

— Como vaes tu, Eduardo ? !

— Eu bem e tu Azarias ? Chegas agora ?

— Não, ha tres dias que cheguei e ha dois que te procuro, e só agora te encontro.

— Isso é novidade ! alto negocio ?

— Assim, assim, regular, emfim...

— Explica-te.

— Quero apresentar-te a uma menina, por quem me interesseo.

— Com a breca ! estarás, por ventura, apaixonado?... Queres um *paio* para a sombra delle gozares o *dolce far niente*, ou um *Sancho* para te acompanhar, *D. Quixote*, na defesa da tua *Dulcineia* ?

— Bem sabes que para nenhum destes papeis eu jámais te destinaria.

— Ora cala-te ! Quando se está cahido por uma dessas *ellas* ou se vae buscar um companheiro para o que já disse, ou para admirar-a e invejar a sorte que elle goza...

— Advinhas-te afinal !

— Ainda bem ! Queres-me então para admirador, ou *paio* ?

— Apresentar-te-hei, á bella, cré desde já que é bonita, joven e espirituosa ; quanto ao papel que te reservo ella t'o dirá.

— Pois então vamos ao ninho, á gruta, ao edem ou o quer que seja onde mora a tua fada ! Mas olha que em paga do sacrificio que faço, pois

é na verdade sacrificio sahir agora, pagarás o *bond* e a cerveja.

— Cerveja, quanta quizeres, quanto ao *bond*, dispensamos porque é perto.

— Cerveja ingleza.

— Ou allemã.

— Tópo, *Carlsberg*.

— Legitima.

Eduardo desceu do banco de palhinha em que estava encarapitado, fechou o livro, meteu-o na escrevaninha que fechou á chave guardando esta por seu turno no bolço.

— Com que então, proseguio elle, dizes que é perto ?

— Muito.

— Aqui na visiuhança ?

— Quasi ; na rua do Rozario.

Eduardo tirou o paletó de brim branco que vestia e enfiou um *paletó-sobre* de diagonal azul escuro e o collete, do qual pendia uma linda corrente de ouro que segurava um magnifico relogio *remontoir* de alto preço.

Pondo o chapéo na cabeça, depois de alisar os cabellos com um pente e concertado o laço da gravata ; apagou a luz, e sahindo com Azarias fechou a porta do escriptorio.

Descerão ambos.

Chegando á porta da rua, Azarias apresentou a sua charuteira a Eduardo, que servio-se de um *regalia*.

Accendidos os charutos, derão o braço um ao outro e lá forão caminho de seu destino.

Emquanto elles caminhão, aproveitemos o ensejo e digamos algumas palavras sobre os nossos dois personagens.

Eduardo, era rapaz de seus vinte e cinco annos, negociante com pequeno capital, mas em compensação com larga cópia de experiencia.

Aprendera na escola da adversidade, a melhor das escolas praticas que conheço. Lutara face a face com o infortunio, conhecera de perto a miséria, privara com a necessidade e convivera com a indifferença do mundo.

Dessa luta, muito mais heroica que parece aos que nunca a travarão no campo da vida sahira vencedor, mas descrente e egoista; a força de não ser amparado por ninguem acabou por não attender a quem quer que fosse, o seu *elle* era tudo, o mais nada valia; não acreditava em Deus nem no diabo; para *elle* a sorte, o bom ou máo destino era o proprio individuo.

Como Samuel Smilles dizia: o que sou, o que

soffro, o que gozo, o que alcanço, a mim só o devo.

Dahi uma força de vontade inabalavel, um character inquebrantavel.

Eduardo era de estatura mais que regular; palvo, olhos grandes, bigode e cabello preto, um tanto emfim agradavel e sympathico.

Era verboso, instruido mesmo, sabia impor-se, por isso começava a ser acatado; tanto mais quanto o seu escriptorio prosperava de dia para dia admiravelmente.

Estaria ali talhado um grande negociante, um capitalista, um director de banco, um chefe de empresas arriscadas?... quem sabe!

O que é certo é que ali palpitava um grande germen, podia tornar-se muito, podia degenerar em nada.

Desses temperamentos fortes, desses talentos vigorosos ha tudo a esperar, até—cousa alguma.

Agora o Azarias.

Esse era de estatura media, cheio de corpo, moreno, cabellos e barba negra, abundante, luxurioso e um tanto crespo. Olhos pequenos, vivos, scintillantes, nariz fino, labios cheios, crispados, como moldados para o mando.

Ao vêl-o dir-se-hia desde logo :—eis o typo da resolução, ali está um homem de coragem.

E era.

Bem moço, quasi menino, atirára-se á vida aventureira do mar ; entrára como *maço de bordo* em um navio costeiro e tão bem soube comportar-se, tão boas provas deu de si, tanto se applicou, estudou, aprendeu e conseguiu, que na idade em que se acha, de vinte e nove annos, é já *piloto* ou como geralmente é hoje mais conhecido *immediato* do vapor *Bardo do Norte*, que navega entre este porto e os da Bahia, Pernambuco e Maranhão.

Como Eduardo, Azarias aprendera na escola da vida pratica ; posto que menos instruido que o amigo, comtudo sabia mais que simples rudimentos primarios.

A' bordo mesmo aprendera um pouco de francez, com um velho dispenseiro, homem dotado de certa instrucção e que quando moço fôra rico ; tambem com elle estudára um pouco de geographia, historia ; applicara-se com tão boa vontade que em geographia conseguira até tornar-se consumado.

Fizera cabedal de saber bem hydrographia do Brazil, estudando todas as obras e mappas que

sobre tal assumpto existe e passando-se dos navios da carreira do norte para os do sul e vice-versa, aprendera theorica e praticamente por tal modo que podia entrar em concurso, com quem quer que fosse, nessa materia sem susto de ser batido.

Sobre o ser um excellente character, Azarias era um bravo marujo, não se temia de tempestades ; era um coração admiravel tanto pela dedicação e desinteresse como pela amizade e ternura ; era, emfim, o que se póde chamar um amigo de seu amigo.

Generoso até a prodigalidade, honesto até a normalidade ; Azarias era digno de ser estimado.

E era ; podia vangloriar-se de ter bons amigos.
Mas...

Sempre este terrivel —mas— !

E para que?... porque não hade, ao menos, o ente humano, sob o ponto de vista moral ser perfeito ?

Não ha, diz o ditado vulgar — se sem *senão*. Que terrivel axioma este !... é talvez um dos mais verdadeiros se é que não é o unico verdadeiro.

Azarias tinha tudo de bom, mas...

Era honrado, sisudo, corajoso, brioso, sobrio, distincto, emfim, mas...

Custa a dizel-o.

Tinha o seu fraco, acreditava-se bello, na verdade não era feio, e seductor, irresistivel.

Em sua vaidosa opinião nenhuma mulher podia resistir-lhe ; quizesse elle que ellas se lhe renderião á discripção...

Que querem é o fraco do homem !

Pobre Azarias !

E' bem digno de lastima só por isso.

Acreditando-se irresistivel, era ver uma mulher, o ponto estava que lhe agradasse, era desde logo dar-lhe assedio ; fosse ella casada, viuva ou solteira, da boa ou da má sociedade, da aristocracia ou do povo, da alta ou da baixa *roda cortezã*. Nada lhe importava, unicamente o que queria é que fosse bonita e que pudesse satisfazer a sua vangloria.

Dahi quantas decepções, quantos desgostos, quantas humilhações, quanto ridiculo !

Debicavão-n'o, caçoavão-n'o, illudião-n'o, cobrião-n'o de ridiculo e elle sempre persuadido que era um Adonis um D. Juan !

Coitado !

Quizeramos não apontar tal defeito ao nosso heroe, mas que querem se é impossivel, tanto

mais que esse defeito é que dá causa a esta historia.

Historia como já dissemos, simples, sem enredo, sem punhal, sem veneno, sem Rocambole, mas verdadeira.

Trocados os nomes dos personagens, mudado o lugar da acção, isto é uma photographia.



II

Na rua do Rozário, numero cento e tantos, ergue-se uma casa elegante de dois andares, casquilha e gentil, como que rindo-se dos baixos, negros e feios prédios que a circundão. Velhos pardieiros que como as raras velhas de mantilha que apparecem em dia de procissão attestão o máo gosto de seu tempo; *specimen* da velha architectura colonial com suas tristes, feias e pesadas varandas de madeira, com rotulas e seus accessorios; pintado tudo com taes côres que é humanamente impossivel descrevel-as.

A casa, porém, em que vamos entrar, pertence á construcção moderna; é, como já dissemos, um sobrado de dois andares, com suas elegantes e airosas sacadas de grade de ferro fundido, representando uma balaustrada que o capricho do pintor fingio de marmore branco.

As portadas dos tres pavimentos bem como as

sacadas e fórros, são tudo de cantaria lavrada, dessa bella cantaria da Gloria que produz o effeito da pedra de lioz, não tendo como esta o inconveniente de ser quebradiça.

A loja do sobrado era então occupada por um vasto e bello armazem de molhados, do muito conhecido Silva & C., que por occasião do chefe da casa ter ido a patria e lá ter comprado um titulo de Barão, mandarão pintar nos portaes em letras douradas, o seguinte :

ANTIGO SILVA & C.

HOJE

Barão de Peniche.

Um gaiato da vizinhança observou porém ao Sr. Mendes, socio do Sr. Silva que sendo a firma collectiva e não individual, Barão não podia estar no singular mas sim no plural ; o Sr. Mendonça que era *um alho* mandou logo mudar o distico, em vez de *Barão de Peniche*, poz-se em letras garrafaes :

BARÕES DE PENICHE.

— Então quantos barões ha nesta casa ? perguntou-lhe o Sr. Silva quando voltou da Europa e deu com a pluralidade de seu titulo.

— Um, respondeu-lhe o Sr. Mendonça.

— E como mandou pôr ali Barões ?

— Está claro ! quantos socios tem a casa ?

— Dois.

— Logo não podem dois ter o nome de um.

— Tem razão, tem razão, apoiou o Barão que não queria por modo algum ser menos perspicaz que o socio.

Caso de dizer-se : Deus os fez o diabo os juntou.

Erão dignos um do outro.

Mas voltemos á casa. Deixemos a loja e subamos ao sobrado.

Quem ahi mora ? — eis o que mais nos interessa.

E' nada mais nada menos, que uma dessas allemãs que depois de terem commerciado *na alta*, nos mercados do amor, quando se vão sentindo velhas e nos casos de dar a Deus o que o diabo regeita, com as economias postas de parte, mobilião uma casa e dando-se como viúvas honestas, cujos maridos forão grandes personagens mas que as deixarão sem pão, estabelecem o que os francezes chamão *maison garni*.

Foi pois nesta casa, em que a viúva Jonisberg era gerente e dona ao mesmo tempo, em que

entrarão os nossos dois amigos, Eduardo e Azarias.

Subirão as escadas e alcançarão o primeiro andar, sem a menor novidade.

Azarias como já familiar da casa bateu palmas.

Palmas ceremoniosas e excusas, pois em casas de tal ordem não se bate entra-se, não se pede licença, diz-se simplesmente— vivão !

E' inutil dizer aos leitores que estamos na casa *della*, a *ella* do nosso Azarias.

A Exm. viuva Jonisberg, não tardou em apparecer.

Era um mulherão, enorme, collossal, vestida de todas as côres, penteada de todos os modos.

Era emfim um typo, ou antes um typão.

Introduzindo os dois amigos em um aposento, especie de sala d'espera, forrada de papel *gris-perle* e adereçada com uma mobilia austriaca e cortinas de chita da Persia ; illuminada á noite por um lampeão de gaz de dois combustores e esclarecida de dia por duas janellas que davão para uma area.

— Querem fallar a D. Isabel, não ? pois sentem-se que vou já avisal-a.

Este dizer da viuva Jonisberg foi em uma lingua impossivel, mistura de allemão, francez,

portuguez e hespanhol ; isto é de tantos paizes de quantos ella havia habitado.

Emquanto a excellente viuva vae dar o seu recado, Eduardo ao lado de Azarias dava tratos á imaginação para advinhar o que lhe iria pedir o amigo pela boca de sua Dulcinéa ; Azarias que em nada mais tinha que pensar senão nella, ansiava por vel-a surgir como anceia o viajante em cama dura de máo hotel pelo novo dia de sua viagem.

Um pisar leve, posto que um tanto arrastado, o ruge-ruge da seda annunciarão a approximação da bella.

Em instantes á porta do interior assomou um vulto e Isabel entrou na sala.

Eil-a, ahí está.

E' alta, elegante e altiva como uma rainha ; tez alva como jaspe, levemente rosada nas faces, cabellos pretos, olhos languidos um poucachinho roxo nas palpebras, cousa que faz aos papalvos chamar poeticas ás mulheres que bebem muito e comem pouco.

Isabel teria então, quando muito, 25 annos, dizia porém ter 19 ; ha seis annos que lhe ouvião isso e ninguem se lembrava de contestar ; e para

que ? — Cada um póde ter a idade que lhe aprouver e não é obrigado a mais.

Porventura em um paiz constitucional, a vontade do cidadão não é livre ?

Eduardo e Azarias ao vel-a entrar levantarão-se ceremoniosos.

Comprimentarão-se, fizeram-se as devidas apresentações, e de novo sentarão-se.

Eduardo á direita, Azarias á esquerda e Izabel no sofá e por consequencia no centro.

Dir-se-hia ao vel-os assim postos, a rainha e seus conselheiros, subditos e intimos.

Parecião que ião tratar de um grave assumpto. Elles graves — ella risonha.

Elles parecião aguardar as ordens da rainha. Ella parecia prestes a ordenar-lhes.

Passou-se um instante, tempo de sobra para passar uma mosca.

Emquanto passa outro instante, um olhar pelo aposento.

Era uma sala de cerca de dez metros quadrados, com duas janellas para uma área, uma porta para o corredor e duas em face das janellas que davão entrada para um quarto, uma alcova ou cousa que o valha.

As paredes estavam ornadas por quadros, a mobília, como já dissemos, era austriaca.

Na meza do centro havia uma caixa de jogo de damas, sobre o tapete do sofá enroscava-se um gato.

Esse gato era historico, de raça, por consequencia illustre por mais de um titulo.

A *viuva* Jonisberg trouxera-o, dizia ella, da Allemanha, era filho legitimo de uma gata que um diplomata russo dera de presente a Sra. Bismark que já tinha um bello gato maltez que tambem lhe havia sido dado não sei por qual diplomata, casou a gata do russo com elle; dahi houverão filhos, e filhos legitimos.

Um dos taes foi dado de presente a uma joven formosissima por um filho de Bismark, que lhe fazia côrte; essa joven formosissima já os leitores devem ter advinhado, era ella, a Sra. Jonisberg.

A Sra. Jonisberg dizia-se, como ha pouco dissemos, viuva de um general, e accrescentava muito a puridade que trahira o marido com um joven seductor...

Esse joven seductor não podia ser outro senão o filho de Bismark.

A Sra. Jonisberg mentia descaradamente, pois

pela idade que mostrava ter, podia ser bisavó do primogenito do grande ministro prussiano.

Ora se ella mentia em relação ao joven filho de Bismark, está claro que tambem mentia sobre a procedencia do gato.

E na verdade o gato, não passava de um grande gatuno dos salchichões que vendia o Barão de Peniche & C., ora ahi tem qual era a prosapia do bichano.

Mas o que era certo é que elle gozava de grande privança da Sra. Jonisberg, e tambem de Isabel que lhe era tão affeiçãoada que chegava a deixal-o dormir em sua propria cama, vindo assim a realisar aquella canção tão cantada outr'ora.

Maria Caxuxa

Com quem dormes tu?

Durmo com um gatinho

etc.

Feita as devidas apresentações passemos adiante.

III

Como ficou dito os tres estavam sentados, formando um grupo interessante e agradável.

Azarias inclinou-se para a bella e disse-lhe :

— Este meu amigo é a pessoa de quem já lhe fallei, um bello coração e um bello character.

— Assim o parece pela physionomia ; seu nome ?... se não é segredo.

— Eduardo, minha senhora, e permitta que me felicite por ter a honra de a conhecer e tambem felicitá-la por sua vez...

— Felicitar-me, porque não me dirá ?...

— Em conhecer pela physionomia e pela linguagem as pessoas distinctas.

— E' uma cousa bem facil, redarguiu ella !...

— Pois eu acho difficilimo e para prova lhe relato o que ha bem pouco tempo me aconteceu.

— Pois conte-nos isso que nós o escutamos !...

— Bem ! mas antes de principiar ó Azarias manda trazer a cerveja do nosso contracto para

que possamos molhar a palavra que já começa a sahir lerda.

Azarias mandou logo vir duas garrafas de cerveja Carlsberg e depois de abertas, despejado seu liquido refrigerante em tres côpos que os convivas esvasiarão, Eduardo principiou :

— A data, casa e rua é de todo desnecessario, só lhe direi que foi passado o caso em Buenos-Ayres, onde estive alguns dias de passagem, morando em um dos principaes hotéis onde deparei com um distincto rapaz nas maneiras, na figura, linguagem, e até no traje, com o qual travei relações, e fui por elle obsequiado com apresentação da minha pessoa em casa de algumas familias, com as quaes elle se dava.

Na vespera de minha partida convidei-o para irmos ao Theatro Colon, e em seguida ceiamos juntos; finda a refeição acompanhou-me até ao meu quarto, onde, com os melhores modos pediu-me para ficar em signal de amizade no meu dormitorio para, *dizia elle*, accordar quando eu despertasse, e ter o prazer de me acompanhar ao botafóra; accedi com todo o prazer e depois de conversarmos por algum tempo, e como era natural, adormeci.

Qual não foi porém o meu espanto ao accordar

não vendo o meu inseparavel, mas lembrando que poderia ter ido tratar da condução das minhas mallas, pois era muito officioso, tratei de levantar-me, vestir-me, e lavar-me, e o vapor partia ás 10 horas; quando peguei no collete para consultar o meu relógio não o encontro, levando o travesseiro para ver se lá o tinha guardado, também não achei.

Desconfiado procuro ás algibeiras e dou por falta de algumas libras e pratas miudas que tinha reservado para meu transporte até bordo e alguns refrescos na viagem, vi pois que estava roubado, mas para melhor me certificar, dirigi-me ao dono ou administrador do hotel e lhe perguntei se tinha visto o meu ex-companheiro de ceia e quarto, respondeu-me elle que havia mais de 3 horas que tinha sahido; indaguei mais se lhe sabia o nome e a morada ao que respondeu que só o conhecia de o ver de vez em quando por alli! A' vista pois de taes informações resolvi-me a pedir ao dono do hotel que mandasse conduzir a minha malla ao embarque, ao que elle immediatamente attendeu.

Fui pois embarcar sem ter um real e sem relógio, felizmente tinha pago a passagem; e como não ha mal que sempre dure nem bem que não

se acabe, o criado que levou a minha bagagem era um dos que eu tinha gratificado na madrugada desse dia estava pois salvo, porque á bordo do *Gerente* tinha o commandante, o meu amigo Moraes, para me emprestar o dinheiro que precisasse, como de facto foi quem me supprio !

Já vê pois a senhora que é muito feliz, pois se eu tivesse a sua perspicacia não me viria em taes apuros que serão muito romanescos, mas para mim forão muitissimo desagradaveis.

— Diga-me, Sr. Eduardo, era argentino esse joven com quem conviveu ?

— Não sei, minha senhora, pois tenho por habito quando gosto de alguma pessoa nunca lhe perguntar sua nacionalidade !

— Realmente foi um abuzo inqualificavel, sobre tudo tendo-se dado na minha patria.

— Então a senhora é argentina ?...

— Sou, cavalheiro.

— Então desculpe ter fallado em um assumpto que lhe veio despertar saudades. Conversemos em outra cousa porque o Azarias quasi dorme e sem elle nada podemos fazer !...

— Alto lá, não pense que por estar calado, durmo !...

— Ainda bem ! pois então manda vir mais cerveja, disse Eduardo.

A conversa continuou e tantas libações fizeram que sobre a meza já se vião oito garrafas vazias.

De repente Eduardo puxando pelo relógio, exclamou :

— Não ha como estar no paraizo, pois sem mais nem menos passa de uma hora da madrugada. Vamos andando para casa porque a D. Isabel deve estar farta de nos aturar.

— Não diga isso, meu caro senhor, porque sinto-me disposta a ouvir-os até que venha a manhã !

— Era só o que faltava, pois então julga que o Eduardo e eu podemos fazer o que a senhora faria se aqui ficássemos de palestra !

— O que faria eu então ?

— Ora o que faria, ia com a maior naturalidade dormir até horas do jantar !

— Pois fação os senhores o mesmo !

— Era bom que o podessemos fazer, respondeu Eduardo !

— Basta de mais palestra. Vamos, meu amigo, bôa noite, Senhorita !

Com effeito os dois levantarão-se, despedirão-

se, mas no tope da escada pretensa a hespanhola travou da mão de Eduardo, dizendo :

— Como não disse o que desejava do cavalleiro, espero que virá amanhã só para lh'o communicar !

— Pois não, amanhã voltarei ; e desceu, encontrando embaixo o Azarias que fleugmaticamente fumava um charuto, logo que sentio descer o companheiro, disse :

— Vamos !...

E lá forão os dois para a rua da Quitanda.

No trajecto pouco ou nada disserão, porque não só estavam cansados, como o tempo era pouco, e mesmo o espirito de qualquer delles achava-se mesmo um pouco aborrido como acontece a quasi todos que fazem uzo da fria e prosaica cerveja, quando a ella não estão acostumados !

Na porta da casa da rua da Quitanda despedirão-se, seguindo Azarias para sua casa e Eduardo, depois de fechar a porta, subio ; feitos os preliminares indispensaveis, atirou-se nos braços de Morpheu.



IV

No dia seguinte á uma hora da tarde, Eduardo lembrou-se de D. Isabel e dirigio-se á rua do Rozario para a cumprimentar, e qual não foi o seu pasmo encontrando-a como quem espera, mas com vontade de desesperar — isto é, um pouco amuada á vista do que Eduardo disse de si para si, temos comedia, então sejamos artista ; e cumprimentou Isabel com a maior affabilidade !

— O seu amigo Azarias sabendo que me encontro nesta grande e populosa capital, sem conhecimentos e ainda mais sem a pratica precisa na triste vida que encetei, prometteu apresentar-me um moço que não só me poderia guiar neste immenso labyrintho como tambem me esclarecer os pontos negros que ora trilho ! Espero, pois, que seja meu amigo e meu conselheiro ! aqui tem agora o que hontem não quiz dizer para não offender os seus melindres, mas que hoje faço por estar a sós com o senhor.

— Agradeço mais essa prova de sua bondade, mas o Azarias enganando-a enganou-se a si proprio, porque a escolha não podia ser mais des-acertada !

— Nada de modestias, Sr. Eduardo, e deixe que agora mesmo lhe dê provas da minha estima contando-lhe a minha vida e o meu passado !

— Não faça tal, minha senhora, pois tenho tanto de leviano como de indiscreto !

— Pois bem, nesse caso eu serei a prejudicada.

— Não desejo contrariar-a, por isso a ouvirei com o mais religioso silencio !

Eduardo recostou-se em uma poltrona, e Isabel começou :

— Como sabe, nasci em Buenos-Ayres, meus paes erão mais que remediados e seu nome tinha algum prestigio ! a minha vida correu placida até aos 16 annos, porque nessa data casei-me com um rapaz, por quem me julguei sériamente apaixonada ! mas pouco depois tive evidentes provas que meu marido além de perdulario era um consumado devasso, por isso resolvi-me abandonal-o e recolher-me á casa paterna !...

Entre as pessoas que frequentavão a casa de meus paes, era mui bem acolhido um joven de boa figura, distinctas maneiras, e alta posição ;

pêla maneira que me tratava, julguei que dedicava-me alguma estima, e como me achasse só e desamparada, respondi-lhe.

Nessa época morreu meu extremoso pae, e um dos amigos que mais serviços nos prestou, foi esse moço, com quem muitas vezes tinha desabafado relatando a minha triste vida.

Raro era o dia que elle não nos ia consolar. Como deve crer, tomei-lhe alguma amizade; assim passamos alguns mezes, quando uma noite que nos encontramos a sós, Leone atirou-se a meus pés e me fez os protestos da mais ardente paixão; confessei-lhe outro tanto, e passado pouco tempo, fugi de casa com elle.

Partimos para Montevidéo, onde passei alguns mezes de verdadeira felicidade; mas como não tenho de ser de modo algum feliz, quiz o destino que por uma pequena polemica Leone me abandonasse, e tão joven entregue a mim mesma!... Senti muito mais a separação de meu amante do que a de meu marido!...

— Não admira, D. Isabel, porque a senhora abandonou seu marido, mas seu amante desprezou-a.

— Creio que fosse realmente o orgulho offendido que pela primeira vez na minha vida me fez

commetter loucuras, que sem o desejo de vingança não seria capaz de pratical-as ! ora calcule que me entreguei ao primeiro que me appareceu ; homem, que para calculal-o em tudo e por tudo, basta dizer que sabendo quem eu era, sahia em pleno dia pelas ruas e praças mais publicas dando-me o braço, fazendo tudo o que lhe ordenava, menos as despezas, porque essas era eu quem pagava, tanto as minhas como as delle. Emfim, já cansada de aturar um descarado e vendo além de tudo que por aquella maneira nada obtinha do meu ex-amante, abandonei o valdevino e parti para minha terra aborrecida, desesperada e mais que nunca desanimada.

Em viagem tive além de outros companheiros uma pobrissima mulher que levava em sua companhia uma filha da qual muito gostei, deu pois esta minha sympathia para despender bastante com as duas, e ainda hoje ter em companhia de minha boa mãe a menina a quem tomei uma affeição que não posso explicar ; mas deixemos a poesia e continuemos na realidade. Quando cheguei a Buenos-Ayres, tratei de minha vida sem procurar pessoas de minha familia, e como é de suppôr, como não sou das mais feias, os que me requestrarão em tempos passados, logo que tive-

rão noticia da minha volta, prodigalisarão-me as atenções de que me julgavão merecedora !

— Então elles não sabião que a senhora tinha fugido com Lione ?

— Sabião ! mas então o senhor ignora que os homens fazem as maiores loucuras para alcançarem aquillo que não se lhes concede !

— Nem disso me occorria.

— Nessa occasião appareceu-me meu marido declarando-me que era outro homem, sem vicios, sem caprichos, emfim, que estava regenerado. Já não era na phrase d'elle, o que *de antes fôra*. Ouve-o, não sei se por comiseração, se para me ver livre da maldita vida que nesses ultimos tempos tinha passado ! ficou em minha companhia.

Durante alguns dias não tive de que me arrepende, porque ninguem tinha sido mais extremo do que elle foi naquelles dias ; nada me faltou, foi tal o meu reconhecimento em encontral-o tão mudado que cheguei a arrepender-me de o ter abandonado !...

Um bello dia, porém, o meu caro esposo pediu-me permissão para me offerter o seu retrato, fiquei muito contente com a lembrança e até pedi para acompanhal-o, porque desejava que o tirassemos juntos ; elle, porém oppoz-se

dizendo que depois o fariamos; accedi com todo gosto porque estava de muita boa fé ! tratou pois meu maridinho de se vestir, pentear, em seguida foi ao meu toucador, meteu nos dedos os melhores aneis que encontrou, enfeitou-se com o meu trancelim e relógio de ouro ; depois de prompto despedio-se de mim e lá foi tirar o retrato para me offerter ! mas até agora estou esperando tanto pelo original como pela copia.

Desesperada por mais esse golpe, resolvi-me retirar-me de uma vez da terra onde vi a luz do dia ; para isso vendi o resto das minhas joias e quando tratava de pagar passagem para o Paraguay, encontrei um dos meus adoradores que me induzio a acompanhal-o para esta capital. Como sempre tinha ouvido fallar bem do Rio de Janeiro acceitei a proposta, ainda mais tendo a vantagem de nada despendér o que muito me alegrou, porque fazia economia em minha pequenina fortuna.

Embarcamos pois e fizemos uma viagem em mar de rosas ; nos primeiros tempos que aqui cheguei nada me faltou, depois é que as cousas começarão a mudar porque meu amante já não tinha mezada, por essa razão principiei a pôr a disposição delle as minhas pequeninas migalhas,

pois julgava que, mais dia menos dia, a familia que era rica lhe mandaria os recursos indispensaveis ; mas qual não foi a minha decepção, logo que findou a minha reserva, uma carta do pae de meu amante que lhe ordenava de partir immediatamente para o Chile, ou então nunca mais receber um real.

Pedio-me elle que o aconselhasse, mas eu como sabia que elle nada valia sem dinheiro, pois para nada servia, disse-lhe que fizesse a vontade ao papae, e lá foi o criançaola deixando-me com mais uma decepção na vida.

A' vista, pois, destes contratempos fui habitar no hotel de D. Pedro ; até então só tinha morado em casa particular, e para a nova vida que tinha de seguir necessitei dessa mudança. Emquanto tive saude tudo me correu bem ! mas ainda mais uma vez quiz a minha má estrella que a fortuna se eclipsasse, e atirou-me em uma cama com uma febre que me levou, no dizer dos medicos que me trataram, ás portas de uma outra vida ; não sei qual teria sido melhor, se morrer, se não.

Como Deus não revela seus arcanos, o futuro m'o dirá.

Resta-me dizer-lhe que gastei tudo quanto

tinha, e que para cumulo de minhas infelicidades, fui penhorada ao terminar a convalescencia !

— Mas quem mandou fazer-lhe penhora ?

— Os donos do hotel por quantias que nunca lhes devi !

— Mas não foi citada ?

— Nunca !...

— E não se queixou a ninguem de tal abuso ?...

— Fallei com muitas pessoas, mas não fui attendida !

— E porque não foi ter com o seu consul ?

— Fui lá tambem, mas respondeu-me que era uma questão de fôro e por isso me dirigisse a um advogado !

— Foi ter com algum ?

— Fui, mas a todos a quem fallei me dizião que era preciso gastar muito dinheiro e talvez não valesse a pena metter-me em tal negocio !

— Mas ainda assim a senhora devia tentar alguma cousa !...

— Não pude !

— Porque ?

— Ora porque ? porque não tinha dinheiro.

— Então de tantos conhecidos e mesmo amigos seus, não encontrou um que lhe prestasse auxilio em tal emergencia ?

— Pelo amor de Deus ! pois o senhor não sabe que uma mulher como eu tem muito quem a visite e gaste durante alguns dias de doença, mas passado um mez o mais dedicado dos amigos ou o mais apaixonado dos amantes foge para não voltar mais.

— Engana-se, D. Isabel, cá para mim causa-me unicamente pena, dó ou compaixão essa mulher.

— Perdão, Sr. Eduardo, não ha regra sem excepção : não o conheço bem, mas creio nos seus bons sentimentos !...

— Póde realmente acreditar que nunca abandonei qualquer conhecido, quanto mais amigo, em uma situação dessas ; e fique certa que, apesar de conhecê-la de hontem, heide lhe ser o mais util possível.

A hespanhola levantou-se com as feições transformadas e quasi vacillante, foi até perto de Eduardo, pegou-lhe em uma das mãos e levou-a aos labios.

Meia chorosa e completamente tragica, beijou-a, e a menos de meia voz, disse :

— Obrigada !...

Elle apesar de muita pratica que tinha, ficou como que atordoado com tal scena, pois não a esperava ; mas, sahindo daquelle torpôr, disse-lhe :

— Levante-se, sente-se ao pé de mim e oriente-me sobre os seus negocios, pois desejo tratar delles como se meus fossem !...

A hespanhola quiz agradecer desde logo a Eduardo, beijando-lhe de novo as mãos, mas elle despedio-se e pelo caminho foi assim monologando :

— Todo o romance que ella me contou de sua vida é pura invenção ! mas, em conclusão, é uma infeliz e realmente chegou o seu infortunio a ponto de ficar quasi núa porque as mulheres do hotel agarrarão tudo que ella tinha, e eu heide fazer todo o possivel para ver se lhe restituo o que estiver em deposito ; é verdade que para isso tenho de gastar alguma cousa e com certeza ella não me paga !

Mas, ora adeus, faço de conta que fiz uma esmola a um pobre, a um pobre digo eu, pois quem será mais pobre que a mulher que segue essa estrada cheia de espinhos e completamente negra, tão negra como a consciencia do condenado.

Poucos ha talvez que não se recordem do hotel de D. Pedro da rua da Lampadosa, o qual se incendiou reduzindo tudo a cinzas, menos as paredes que com o terreno forão comprados pelo Gabinete Portuguez de Leitura para alli fazer construir o edificio que necessita para guardar a immensa e magnifica collecção de livros, uma das melhores que existem, por iniciativa particular, mas que até agora não principiou as obras sem que saibamos se pelo máo local, se pelo pouco terreno, se com medo que as scenas de orgia e devassidão venhão, pelas horas tetricas da noite, interromper os attentos leitores que de certo fugirião espavoridos ouvindo aquellas vozes e gargalhadas roucas dos vinhos, que d'além tumulto possam visitar o lugar das suas alegrias, dos seus pesares e da sua morte !...

No dia seguinte, Eduardo, depois de ter fallado

ao Procurador das proprietarias do hotel da rua da Lampadosa, com elle se dirigio para essa hospedaria que passava entre todas por ser a mais immoral, e tendo por objectivo desgraçarem as proprias infelizes que com ellas se associavam para sugarem o dinheiro e a vida dos jovens incautos que transpõem inexperientes as portas desses antros do vicio e degradação ; foi pois nessa casa em que tinha alguns mezes morado Isabel, e onde, durante a doença, lhe penhorarão desde a cama que ella tinha comprado e em que dormia até ás meias que calçava !

Subio pois Eduardo com o companheiro e perguntarão ambos pelas *illustres* donas da casa, em resposta mandarão-os entrar para uma pequena sala, onde em seguida compareceo uma das hoteleiras, a quem Eduardo disse :

— Minha senhora, ha dias travei conhecimento com uma hespanhola chamada Isabel, e como me contasse esta um pouco da sua vida e do seu estado precario, interesse-me por ella, e por isso venho saber ao certo o que ha respeito de uma divida que aqui contrahio, e dos objectos que aqui lhe ficarão em penhor.

— Não ha duvida, respondeu a hoteleira, vou conferenciar com minha companheira e socia, o

melhor meio de chegarmos a um accordo, a contento tanto nosso como de D. Isabel ou do senhor; venha pois amanhã que tudo se arranjará.

Eduardo levantou-se e dirigio-se ao Procurador que nada tinha dito até alli.

— Vamos embora? perguntou-lhe.

— Não senhor, vá, que tenho de fallar aqui com a *madama!*

— A' vista disso, redarguiu Eduardo, até amanhã. Minha senhora, tem um criado ás suas ordens.

Sahio e foi direito á rua do Rozario para communicar á D. Isabel, o que tinha passado no hotel de D. Pedro, com uma das donas.

Ao chegar teve uma magnifica recepção, e a alegria da hespanhola subio a ponto de, quando Eduardo lhe contou tudo que se tinha passado e que o leitor já sabe, de rogar tanto e de pôr tanta seducção em campo, que afinal o experiente e natreiro Eduardo sahio daquella casa alegre, satisfeito e risonho, mas dizendo para si :

— Lá se foi a minha obra meritoria, porque á não ha amizade pura e sincera!... Nem tão pouco desinteresse!... Ah! mulheres!... mulheres!...

E foi tratar dos seus afazeres.

Nô dia seguinte dirigio-se de novo Eduardo para a casa do Procurador e com elle forão para o hotel da rua da Lampadosa.

Ahi conversarão de novo com as *madamas*.

— Bom, então diga-me, madame, em primeiro lugar, quanto lhes está devendo D. Isabel?

— Capital, custas e outras despezas, anda em quinhentos mil réis!

— Pois então, dou hojê duzentos mil réis, e responsabiliso-me pagar cincoenta no fim de cada mez até perfazer o total dos quinhentos!

— Mas ha uma simples razão que se oppõe a que não possamos acceder á sua proposta, que é, nem eu nem minha socia o conhecermos!...

— Mas conheço-o eu ! accudio o Procurador já um pouco massado.

Nessa occasião, a outra franceza que tinha estado calada até aquelle momento, levantou-se, e disse :

— Nós devemos ser francas com um cavalleiro tão distincto, e eis a razão pela qual vou fallar com a maior sinceridade. A demanda que temos com a hespanhola pode-se dizer que está ganha, por isso entendemos que tendo em nossas mãos com que nos embolsarmos, escusamos de esperar mais pelo reenbolso do que já temos em nosso poder.

— Então as senhoras só estão de accordo recebendo os quinhentos mil réis !

— Podemos tambem fazer outro trato !

— Diga a senhora qual é ?

— O senhor dá-nos duzentos mil réis e nós entregamos-lhe os trastes que ella tinha no quarto e os vestidos que forão apprehendidos ; ficamos, pois, com as poucas joias e, por esse modo, saldamos as contas de D. Isabel !...

Eduardo levantou-se indignado e respondeu :

— Desta maneira, isso não é mais um negocio, mas sim um roubo, pois as senhoras ficam com as joias da pobre mulher que valem, como creio, muito mais do que a quantia que lhes deve, pois basta a sua proposta para se conhecer isso mesmo !

A *madama* levantou-se, e com o maior cynismo, respondeu :

— Não se zangue, meu caro senhor, isto que lhe propuz é um negocio e nada mais !

Ao que redarguiu Eduardo :

— Pois bem, eu tambem como commerciante, vou em paga de tanta *bondade* fazer todo o possivel para reaver o que D. Isabel aqui tem, pagando o menos que me fôr humanamente possivel !

— Pois sim, o senhor fará o que entender !

E virando-se para o Procurador com o maior cynismo, continuou :

— O senhor conclua este nosso negocio com a maior brevidade, pois desejamos que por estes dias vão á praça todos esses objectos aprehe-didos á tal D. Isabel.

Eduardo, ao ouvir taes palavras, com receio do

seu genio impetuoso, travou do chapéo e sem se despedir, sahio ; mas, ao chegar em frente ao hotel Mangini, foi detido pelo Procurador que lhe disse :

— Desculpe fazel-o parar, mas o que acabei de ouvir, por tal modo me revoltou que lhe peço para reparar o mal que fiz a sua protegida, tomando eu mesmo a causa contra aquellas miseraveis que não attenderam ás suas propostas, e provar por justiça que não se rouba impunemente n'um paiz civilisado como o nosso !

Eduardo, aturdido, já pela scena do Hotel, já pelo que tinha ouvido do Procurador, ficou como que suspenso, mas em pouco adquirindo seu sangue frio, apertou-lhe a mão, e disse-lhe :

— Obrigado pela maneira com que se interessa por aquella pobre mulher, acceito o seu offerecimento ; mas como tenho alguns negocios a tratar, amanhã irei á sua casa para fallarmos.

— Pois bem, nesse caso, até amanhã !...

— Até amanhã !...

E assim separaram-se, indo cada um tratar
de seus negocios.



VII

No mesmo dia em que Eduardo teve a ultima contestação com as mulheres do hotel de D. Pedro, appareceu-lhe um rapaz que se havia desempregado e lhe pedio para ficar-lhe por casa alguns dias enquanto não deparava com alguma collocação.

Já dissemos aos leitores que Eduardo tinha um bom coração, por isso facil é de prevêr que ficou com o hospede, cujo nos cumpre apresentar ás nossas leitoras, não por se chamar José, mas por ser sympathico, ter apenas 25 annos, usar barba á ingleza, ser de estatura mediana e com um genio docil e affavel, qualidades estas que são sempre um bom passaporte.

Immediatamente tratou Eduardo de passar no cartorio do Mathias, procuração bastante a um advogado e um solicitador em nome de Isabel, para tratar judicialmente de levantar a penhora,

que tão injusta e infamemente fôra feita á pobre rapariga.

Deixemos agora a demanda proseguir seus tramites vagarosos, alternados, ora bem, ora mal, como o jogo da cabra-céga, que para não se poder ninguem enganar com a tal justiça, basta vê-la de olhos vendados e com as duas mãos occupadas com a espada e a balança.

Ha quem diga que além disso tem tapados o nariz, orelhas e bocca, por isso nem falla, nem ouve, nem cheira ; deixemos essa senhora tão *justa*, tão *pura* e tão *virtuosa*, e vamos tratar dos amores de Eduardo e Isabel.

Durante os primeiros dias do pleito a hespanhola não deixou um só dia de ir visitar Eduardo, e dar-lhe provas de affecto a ponto do incredulo por indole chegar a vacilar um pouco no seu modo de pensar, com respeito ás leões da moda ; passado dias pedio-lhe que fosse vê-la todas as noites, porque estava com um pé inchado, e tinha medo que, andando, se lhe aggravasse o mal.

Essa nova posição despertou as antigas idéas de Eduardo que, reflectindo melhor, uma ou outra vez deixava-se ficar em casa, mas essas resoluções davam resultado contrario, pois alta

noite Isabel ia bater-lhe á porta do escriptorio, e lá ficava.

A' vista disso, assentou o nosso heróe ir, fosse á hora que fosse da noite, á casa da hespanhola, acreditando quasi que ella o amava com todas as *véras d'alma*.

Assim se ia passando o tempo, emquanto ella esperava reaver o que lhe tinhamo embargado, se elle tambem esperava, é o que não sabemos.

Uma noite lembrou-se Eduardo ir mais cedo do que costumava, á rua do Rosario, mas qual não foi o seu assombro, ao entrar no salão da frente, deparando com a hespanhola no meio de uns seis individuos, de cópo em punho, meia embriagada, e mostrando com seus gestos e maneiras cynicas o contrario do que até ali ella, com a maior disposição e maneiras de actriz, tinha feito crer a Eduardo que era.

A' vista daquella scena, elle sahio julgando não ter sido visto por ella, e tão contrariado estava que se dirigio para o escriptorio onde encontrou José que, admirado, lhe perguntou :

— Já de volta, ouve alguma novidade ?

— Foi uma grande descoberta que fiz !

— Onde ? e com quem ?

— Na rua do Rosario com a hespanhola.

— Tem outro amante ? !...

— Qual amante ! o que tem é representado comigo uma farça, enganando-me até ha pouco.

— Não é possível, aquella mulher não sómente gosta muito do Sr. Eduardo como o ama.

— Ora, meu José, não me digas isso, o que aquella mulher quer, é receber o que está embargado, e logo que esteja de posse de tudo, não me procura mais !

— Não posso acreditar em semelhante cousa.

— Pois bem, amanhã vou fazer uma experiencia e será preciso que ella seja muito fina para não cahir na esparrella !....

Quando Eduardo acabava de pronunciar esta ultima palavra, baterão com toda força na porta da rua ; os dois ficarão calados, em seguida José foi á sacada e, depois de ter-se certificado quem batia, veio para dentro clamando :

— E' ella !

— Diga-lhe que não estou em casa !

José dessa vez dirigio-se com estrondo para a janella e, fazendo que nada sabia nem tinha visto, perguntou :

— Quem bate ? !

— Eu, não me conhece ?

— Ah ! é a D. Isabel, quer alguma cousa ?

— Fallar com o Eduardo !

— Elle não está em casa !

— Não faz mal, abra a porta que o esperarei lá em cima, é sempre melhor que esperar na rua !

José ia a redarguir quando, Eduardo, puchando-lhe pelo casaco, disse :

— Nada de escandalo, abra a porta a essa mulher, porque se ella não estiver muito embriagada, póde-se hoje mesmo fazer o que guardava para amanhã !

Emquanto José desceu, abriu a porta e subio com a hespanhola, o outro pensava na grande descompostura que ia levar por se ter negado, attendendo não ao máo genio de Isabel, mas ao estado de embriaguez em que a tinha julgado ; mas assim não aconteceu ; muito pelo contrario, entrou esta triste, séria e calada, no escriptorio e, depois de olhar compungida para Eduardo, disse :

— Vi-te á porta do salão da casa da rua do Rosario, e tremi ao ver tambem a expressão de teu rosto quando te retirastes ; foi por isso que, contra a minha vontade, não te chamei por que comprehendí que me julgastes como os que lá estavam embriagados, mas é preciso que te

diga que não estou, nem ao menos espirituosa ; foi para isso que aqui vim, pois sabia que aqui estavas, emquanto aos homens que viste rodeando-me gostão de mim emquanto julgarem que sou devassa e cynica, como elles ; se me apresentasse assim como agora estou e como só desejaria estar então, teria de mudar de vida, ou recorrer á esmola publica ! Emfim, sabes o que me acontece naquelles poucos dias que tu me appareces mais de uma vez ?

— Não !... respondeu Eduardo.

— Sou obrigada a dizer que estou incommodada para não me privar do gozo que a tua presença me dá e que para mim é a suprema ventura, porque te amo como ninguem nunca te amou.

Acabando de fallar, agarrou-se Isabel a Eduardo e com lagrimas nos olhos, soluçando, disse-lhe :

— Vem comigo para me provares que perdoastes o que me viste fazer.

Eduardo pôr unica resposta, pegou no chapéo, pôl-o na cabeça, e disse simplesmente :

— Vamos.

Emquanto descião as escadas, dizia José por sua vez :

— Coitada ! tenho pena desta pobre rapariga.

Chegados á porta, derão as bôas noites e, José, depois de subir, de novo tratou de se deitar.

Emquanto, porém, se despia, monologava ainda :

— Este Eduardo é incredulo, sceptico e cynico até ao impossivel ; pois não acredita naquella pobre hespanhola que lhe está dando tantas provas de amor, é preciso ser-se cégo, surdo e mudo para não acreditar naquella mulher !...

Apagou afinal a véla, e adormeceu sonhando com um amor igual, verdadeira e suprema ventura dos tolos.



VIII

Durante algumas semanas, as aventuras e os amores de Eduardo e Isabel, correrão o mais placidamente possível; mas o accaso que tem sido a causa de muito desgosto e muitas venturas, de prantos, de risos, de felicidades e de infortúnios levou Eduardo á casa da rua do Rosario justamente á horas que nunca lá tinha ido.

Serião quatro da tarde quando, como é natural, não podia ser esperado e deparou ao entrar na sala do jantar com a sua *ella* rodeada de uns seis ou oito rapazes, vestidos á moda de salteadores calabrezes; parou como que pasmo daquella scena, que julgou theatral, quando Isabel levantando-se, e vindo até elle e pegando-lhe na mão, disse:

—Eduardo, apresento-te aqui estes meus patri-cios, artistas de nome na arte Tauremachica e

vêm fazer construir uma praça nesta côrte para mostrarem a sua destreza e galhardia !

Emquanto a hespanhola fazia a apresentação, os capinhas levantarão-se e nada dizião.

Eduardo, porém, franzió o sobr'olho, e respondeu :

— A' vontade, meus senhores, sentem-se ; estimarei que sejam muito felizes e tenham as ovações que merecem deste nosso povo illustrado.

— Obrigado, responderão os capinhas e offererão alguma cousa para beber, ao que Eduardo agradeceu, mas não acceitou e, pedindo permissão para se retirar, despedio-se e sahio ; mas, ao chegar ao patamar da escada, foi detido por Isabel que disse-lhe :

— Não venhas á noite, porque vou visitar a Pepita que está em S. Christovão doente, e será provavel que passe com ella a noite ; porém, se acontecer voltar, vou buscar-te ao escriptorio.

— Então até logo ou amanhã, respondeu Eduardo, e sahio.

Chegado que foi a casa, disse a José :

— Hoje vou fazer descoberta da segunda trantada da hespanhola !

— Como assim ?...

— A's dez horas da noite, acompanhar-me-has até á rua do Rosario, e então apreciarás melhor.

Pouco depois das dez horas, Eduardo sahio em companhia de José, e forão ambos á rua do Rosario, mas, logo que ião entrando, forão detidos pela criada que lhes disse :

— Sr. Eduardo, D. Isabel sahio !

— Ha muitas horas ?

— Não senhor, ha poucos minutos.

— E a que horas volta ?

— Não me disse nada.

— E não deixou a chave do quarto ?

— Creio que não ; mas, se quer eu vou ver.

— Pois então vá que é favor !

Mal a criada tinha dado as costas, Eduardo disse para o José :

— Espera.

Em seguida subio ao segundo andar e, como deparasse com luz pelas frestas do quarto de Isabel, bateu ; a hespanhola que não esperava por elle áquella hora, pois julgou que Eduardo era beocio, com a maior naturalidade, perguntou :

— Quem bate?...

— Sou eu, mas não se incommode por minha causa, adeus, até depois !

Sem esperar resposta, desceu ao primeiro an-

dar, onde deparou com o Juça em colloquio amoroso com a criada, razão pela qual teve de se demorar alguns minutos.

Quando ião a descer o primeiro andar, um individuo sahia como esbaforido, o que fez a criada exclamar :

— O Sr. Eduardo foi lá em cima no quarto da senhora ?

— Essa é boa, quem t'o contou ?

— Pois tanto o senhor lá foi, que aquelle sujeito vai bem escabriado !

— Como é isso, explica-te !

— Pois era o que sahio que vinha esta noite ficar acompanhando o anjo dos seus sonhos ! ..

— Oh ? com a breca ! ouvistes, José ? Menina, quando aquelle typo voltar por cá, pede-lhe da minha parte desculpa pelo incommodo que lhe dei ! e como não devemos demorar-nos mais, adeus, e dá lembranças nossas a D. Isabel ! ..

E sahirão os dois em direitura á casa da rua da Quitanda onde, chegados, José exclamou meio dramatico, meio comico :

— Não sei o que diga sobre o que vi, e para não dizer alguma asneira, calo-me ! ..

— Fazes bem ; e eu, para não perder tudo,

vou dormir, que para mim é o melhor descanso que conheço!

Mal Eduardo acabou de fallar, deitou-se e, minutos passados, estavam os dois nos braços de Morpheu.



IX

Os episodios que o leitor acaba de ler, teve lugar em um sabbado. No domingo, Eduardo, depois de todo catita, ruminou comsigo mesmo, e, batendo na testa, disse :

— Achei !...

— O que ? perguntou José.

— O meio decisivo de uma vez para sempre definir o character da hespanhola.

— Deve ser uma lembrança engenhosa.

— Creio ser bôa !...

— E poderei saber ?...

Neste meio tempo, Eduardo tirou um papel da carteira, mettu no bolço do casaco e, virando-se para o Juca, respondeu :

— Agora nada te explico, vou até á rua do Rosario ; espera-me, que volto breve.

E sahio.

Indo fazer o seu dever da manhã, que era al-

moçar, em seguida foi direito á casa em que morava D. Isabel ; subio, e perguntou se ella estava em casa, ao que lhe responderão, que ainda não tinha sahido do seu quarto.

Foi, pois, o nosso heróe até ao segundo andar, bateu, e, immediatamente a hespanhola abriu e o convidou a entrar.

Por alguns segundos a scena foi muda, tomando a palavra a hespanhola, que disse :

— Sente-se, cavalheiro.

Eduardo sentou-se, dizendo em seguida :

— Desculpe o ter vindo incommodal-a, mas, julguei que ás onze horas estivesse de pé !...

— O senhor nunca me incommodou !...

— Não diga isso, D. Isabel !

— Porque ?

— Então hontem não a incommodei ?...

— O senhor hontem não me incommodou, aborreceu-me !...

— Agradeço a franqueza, e por isso mesmo aqui estou para entre nós fazermos com que nem a senhora, nem eu, sejamos importunos reciprocamente !...

— Não o entendo, cavalheiro ! Explique-se.

— Explicar-me-hei, D. Isabel. Hontem conclui de mim para mim, que a senhora me illudia,

e como não queira ser ludibriado, nem mesmo joguete dos seus caprichos, venho propor-lhe um negocio no qual a senhora tem tudo a ganhar e cousa alguma a perder !

— Diga qual é se faz favor.

— Pois não ! A senhora tem em seu poder um retrato meu, não é verdade ?

— E'...

— Pois bem ; eu possuo uma procuração com todos os poderes para tratar dos seus negocios. Sabe disso, não ?

— Sei, sim ; e depois ?...

— A senhora entrega-me o retrato e eu lhe dou a minha palavra de honra que, mesmo sem a ver mais, tratarei como até hoje de seus negocios, com mais zelo mesmo do que os principiei.

— E se eu não lhe entregar o seu retrato ?...

Eduardo tirou um papel do bolso, e respondeu :

— Inutilizo esta procuração que me passou, e a sua demanda fica irremediavelmente perdida...

Ainda elle não tinha proferido a ultima syllaba da derradeira palavra, já ella lhe tinha arrancado da mão o papel e, depois de o rasgar e atirar ao chão, respondeu com as lagrimas nos olhos e voz soffocada :

— O senhor é um infame, um canalha, um miseravel ; não estou habituada a receber imposições, seja de quem fôr, e agora lhe digo, não entrego-lhe o seu retrato porque quero mostral-o a todo mundo, dizendo sempre : é um vil, é um canalha, é um miseravel !...

Eduardo, impassivel, tudo escutou ; mas, logo que a hespanhola concluiu, levantou-se, pegou no chapéo, fez uma respeitavel cortesia e sahio.

Ao chegar, porém, ao patamar da escada, foi agarrado por duas mãos possantes que o fizeram retroceder e, para não reagir, deixou-se levar até ao quarto e, quando lá entrou, vio que tinha sido conduzido pela hespanhola que lhe disse chorando :

— Para que me has de matar com o genio que tens, Eduardo ; se não queres tratar da minha demanda, não faz mal, pois se te estimo é pelo amor que te tenho, e não por causa dessa maldita questão que tantos desgostos me tem dado ! Mas, fallemos em outra cousa, diz-me : qual a razão por que estás zangado e dejesas abandonar-me ? por te enganar hontem ? e tu sabes porque te enganei ?...

— Não ! não sei !...

— Pois eu t'o digo : ha um patricio meu que,

sabendo que estava contigo e que muito te estimava, perseguia-me continuamente fazendo-me propostas vantajosas para estar com elle; ao principio recusei, mas, quando conheci que o empenho todo era mais para te desfeitear que pelo apreço que me dava, accedi, pois, obriguei-o a dar-me o que tu podes ver.

Abrindo uma gaveta da commoda, mostrou duzentos mil réis, e continuou :

— Mas fica certo que, se adivinhasse que não acreditavas na minha mentira, apesar de ser livre, não havia dinheiro que me obrigasse a passar pelas amarguras que passei, e pela explicação espero ser absolvida !

— Desculpo-te e perdôo-te com uma condição.

— Aceito qualquer que seja, não sendo a entrega do teu retrato !...

— E' que, haja o que houver, serás franca e sempre verdadeira comigo !...

— Eu t'o juro, disse a hespanhola abraçando-o.

A conversa prolongou-se até ás 3 horas da tarde, hora em que Eduardo se despedio para ir jantar, o que foi fazer, indo buscar o Juca e por elle acompanhado, forão para um hotel.

Logo que lá chegarão, perguntou o Juca em quanto esperavão a sôpa :

— Que tal foi a experiencia ?

— Mal !...

— Mal, porque ?

— Porque ella não cahio !...

E contou-lhe tudo o que se tinha passado, na casa da rua do Rosario, entre elle e a hespanhola ; quando concluiu, o Juca exclamou :

— Então ainda duvida do amor desinteressado, e da paixão cega de D. Isabel ?

— Tanto duvido, meu caro, que te digo : espera com calma o desenlace desta comedia, e depois me dirás se tenho ou não razão para bem alto dizer : não creio em mulheres !...

— E' bem triste o seu pensar, é de mais o septicismo que tem, Sr. Eduardo ; mas o melhor é não fallarmos mais em tal assumpto.

Não se fallou mais.

Depois do jantar, tomarão café, accenderão cada um seu charuto, e forão dar um passeio até á praça da Constituição para fazerem o chilo.

Por' algum tempo passou Eduardo amorosamente, mas n'um amor *doce acre* e meio vacilante com as suas descrenças o que lhe fazia travar entre os favos de mel, alguma sicuta.

Não era, porém, a hespanhola quem mais o atormentava : os visinhos, com as continuas e diarias saídas e entradas da hespanhola, murmuravão e, nas reuniões que fazião, moralisavão o facto ! nesses conclaves havia, porém, um orador que mais gritava contra Eduardo, e dizia nunca ter visto em sua vida tanta desfaçatez e cynismo.

Era esse um visinho de frente chamado Lopes no nome, e realmente o era em tudo como o do Paraguay, pois levava todo dia gritando com os empregados e mesmo espancando os mais pequenos, na presença de qualquer.

Tratando com arrogancia e grosseria aos que

conhecia menos que medianos de fortuna, mas tornando-se bajulador e capaxo o mais desprezível com aquelles que julgava terem alguma cousa de seu, homem, emfim, que depois de ter lezado muita gente com uma quebra, arranjou um *tolo* que lhe deu abono e lhe emprestou dinheiro, e vêde-o agora blazonando de honrado e fallando até em moral !

Era, pois, um homem destes que apedrejava Eduardo, tendo por companheiro um outro que, tendo passado pelo mesmo cadinho do primeiro e purificado na desfaçatez como o Lopes, tambem como elle, era altivo para os pequenos e sevandija e bajulador para os grandes.

Damos a este segundo o nome de Santiago, pois o todo d'elle é de pamronha jesuita ou *santo* ; juntou-se, pois, mais este ao tal Lopes, e eis os dois promovendo uma guerra de exterminio para que Eduardo se mudasse, fosse como fosse, de casa.

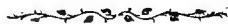
Eduardo, a principio, deu alguma importancia aos boatos e rumores que chegavão-lhe aos ouvidos, pois com o genio independente de que era dotado, não sabia a vida dos taes Santiago e D. Lopes, que ostentavão tão rigorosa e atoleimada moral, porém mais tarde um amigo contou-lhe

á vida e os costumes dos dois impertinentes e safados moralistas que tão injustamente o aborrecião com stultas importunações.

Dahí em diante se alguém lhe dizia ou repètia o que Lopes ou Santiago fallavão, Eduardo respondia :

— Já dei ouvidos ao que esses entes abjectos dizião de mim, mas nesses tempo não os conhecia; hoje, porém, os conheço bem. A' vista do que me acaba de communicar, só lhe direi : Para os miseraveis, desprezo !

E, sem dar mais palavra e sem se despedir, virava-lhe as costas e seguia o seu caminho.



XI

A Providencia Divina sempre amparou e protegeu os bons, é esta uma das verdades incontestaveis que não pôde ser posta em duvida como no correr desta historia o leitor verá.

Já pouco faltava para que Eduardo se convencesse que realmente era amado por D. Isabel; já poucas vezes o assaltava essa nuvem negra á que dão o nome de — *Duvida*; emfim, já tinha pensado que o céu dos seus amores era todo de *um azul limpido* ! quando, sem serem esperados, vierão novos episodios atiral-o nesse mar sem fundo, cujo termo é invisivel, cujas ondas altas e bravias e encapeladas fazem sossobrar o batel mais bem construido, desses materiaes sublimes aos quaes damos os nomes de — *fé, esperanza e amor*.

Foi pois de encontro aos caxopos da descrença ficando isolado e perdido no meio desse oceano

immenso a que chamamos — *Duvida* que sosso-
brou o pobre Eduardo!

Eis o *caso como foi*:

Em uma bella noite, foi Eduardo mais cedo
que o costume, á rua do Rosario e, ao entrar no
salão, deparou com Isabel rodeada de uns poucos
de individuos; parou; ella, porém, logo que o
vio, levantou-se, veio ter com elle, e disse-lhe:

— Como sei que não gostas destas scenas,
vai um pouco lá para dentro conversar com o
Pio, que em pouco tempo lá estarei tambem.

— Mas quem é esse Pio?

— E' aquelle meu patricio que me deu os du-
zentos mil réis...

— Vou ver o D. João da tua terra que veio
até aqui ver se me roubava a minha Margarida.

E, rindo-se, foi para a sala do interior na qual
deparou com o mesmo individuo, que tão esca-
briado sahio na celebre noite em que elle foi
bater á porta do quarto da hespanhola; conteve
o riso, porém, ao entrar e estendendo a mão,
dizendo:

— E' ao Sr. Pio que tenho a honra de com-
primentar?...

— Sim, cavalheiro; respondeu o interrogado
levantando-se e apertando a mão de Eduardo.

— Estimo conhecê-lo, D. Pio ; e dou parabens á minha fortuna por isso... mas, esteja a gosto que da minha parte vou fazer o mesmo, só desta maneira poderemos conversar até que venha a fada deste castello.

— Pois não, cavalheiro ; e para termos com que nos refrescarmos, consinta que mande vir cerveja.

— Pois mande que a noite, calida como está, convida...

— Mas se o Sr. Eduardo não gosta da cerveja, mando vir o que desejar.

— Venha a cerveja ; mas, a proposito, sabe o meu nome ?

— Sei, porque D. Isabel m'o disse !...

Eduardo calou-se e, enquanto abrião a garrafa e botavão a cerveja nos cópos, olhou bem para o D. Pio pela franqueza com que fallou-lhe e pelo modo que o recebeu espontaneamente, logo lhe dedicou sympathia.

Depois de beberem, Eduardo dirigindo-se a D. Pio, perguntou-lhe :

— O senhor é hespanhol ?

— Sou, cavalheiro...

— Pois admira que o seja e aqui esteja só-sinho !...

— Porque, Sr. Eduardo ?

— Porque estão alguns patricios seus na sala em companhia de D. Isabel.

— Sei que lá estão ; porém, como os não conheço, não os acompanho.

— Faz bem pensando assim... diga-me ; sahio ha muito tempo de sua patria ?

— Ha pouco mais de tres annos...

— E tem estado sempre aqui na côrte ?

— Não senhor ; tenho estado no Chile, em Cuba e só ha tres mezes estou nesta cidade.

— E tem gostado deste povo ?

— Tenho gostado, mas não conheço tudo, pois não posso frequentar a boa roda, porque meu pai, com receio que volte para minha terra, não me remette senão cincoenta mil réis por mez, cuja quantia, como sabe, não deixa-me com que retribuir o que qualquer, em melhor sociedade, possa oferecer.

— E paga casa e comida com essa quantia ?

— Não, cavalheiro ; nem mesmo roupa para vestir, nem lavagem.

Eduardo poz-se a reflectir na dadiva dos duzentos mil réis e, nesse momento, lançou um tal olhar de incredulidade para o D. Pio, que este disse :

— Parece que o senhor duvida o que ha pouco ouvio-me dizer ?

— Não duvido, mas estou pasmo.

— Do que, Sr. Eduardo ; não me dirá ?

— E' por...

Neste momento entrou D. Isabel e, dirigindo-se aos dois com ar risonho, perguntou-lhes :

— Fiz esperar muito ?...

— Nem por isso ; o cavalheiro tem-me prendido por tal maneira com as suas amabilidades, que nem me recordava que ha muito deu uma hora da manhã.

— Mas não me tinhas olvidado, redarguiu a hespanhola ao D. Pio.

— Eu, com franqueza, não me lembrava da senhora, e para prova, é que a não apparecer, não sei a que horas partia, mas já que veio, parto já !...

Pegou, pois, no chapéo, apertou a mão de Eduardo, despedio-se da hespanhola e sahio.

Logo que D. Pio se retirou, forão os dois para o quarto, onde, logo que forão chegados, Eduardo perguntou :

— Isabel, tu conheces ha muito aquelle rapaz que acaba de sahir ?...

— Conheço-o ha muito, sim...

— E elle está aqui ha tempos?

— Não, o mais que póde estar, é ha uns dois ou tres mezes...

— E do que vive?

— De uma mezada de cincoenta mil réis que o pai lhe manda dar.

— E' muito pouco para quem passeia em paiz estrangeiro!

— Mas o Pio não anda passeando.

— Está então nos estudos?

— Não; anda exilado por ter entrado n'uma revolução em Entrerios, e, para não ser preso, o pai mandou-o para fóra do territorio!

— E tu sabias a vida desse rapaz antes de receberes o dinheiro que te deu?

— Sabia, sim; porque?

— Porque? pois ainda o perguntas? pois tivestes animo de tirar a um patricio teu que se encontra desterrado em paiz estranho, sem um amigo ou conhecido, a quantia com que o pobre rapaz tinha de passar quatro longos mezes?... Ora, realmente, convenco-me que terás tudo, mas o que não tens, com certeza, é coração!...

— O que queres?... sou assim, enquanto que por ti serei capaz de fazer todos os sacrificios... aos outros homens, acho-me com disposições até

de os reduzir á ultima miseria ! Muito mais áquelles que menoscabão e ridicularisção sem conhecer o ente a quem eu mais preso, estimo e adoro ; a esses faço mais, se poder até a propria camisa lhe tiro, sem que sinta o menor abalo na consciencia... e um desses é o Pio !...

— O Pio?... e porque ?...

— Ora, não falles mais nisso ; bem sabes que são conversas que nada adiantando, são sempre fastidiosas e aborrecidas !...

— Tens razão, Isabel...

E Eduardo pensou para si, dialogando, enquanto se despio e deitou :

— Esta mulher é uma devassa ; está completamente gasta para tudo que é santo e nobre. O cynismo abafou com o seu halito pestilento todas as fibras do coração desta desgraçada, cuja alma só nas orgias poderá lampejar alguma faisca, mas sempre maldosa ou perversa, cada vez mais me convenco que esta misera, cujo coração, alma e sentimento se achão submersos em tão espessa camada de gelo do indifferentismo, que jámais poderá ser derretido, embora a rodeem do mais vivo e extenso fogo dos carinhos de afeição, do amor ! Esta mulher nunca me amou, nem nunca me poderá amar !...

E, com esses pensamentos, adormeceu o nosso herói.



XII

Durante duas noites, ás horas que Eduardo devia ir á rua do Rosario, pedia ao José que fosse por elle e dissesse á Isabel que, como se encontrasse incommodado, não ia, mas que não se assustasse pois não era de perigo a doença.

Já passavão mais de trinta e seis horas que Eduardo não se encontrava com a D. Isabel.

Estavamos em um domingo : Eduardo foi jantar com o José, em seguida forão dar um passeio até Botafogo ; serião oito horas quando, de volta, lembrarão-se ir fazer uma visita á hespanhola ; quando chegarão á rua do Rosario, encontrarão D. Isabel prompta para sahir e, logo que os vio, mostrou-se muito alegre, e perguntou ao Eduardo :

— Então?... estás prompto dos teus incommodos?...

— Estou felizmente kom ; vais sahir agora ?

— Vou ao hotel Ravot visitar uma antiga amiga recém-chegada de Montevideo...

— E demoras muito ?

— E' provavel, porque ha muito não nos vemos, e temos muito que conversar !...

— Então, até amanhã.

— Não, vem para casa dormir que ao chegar acordo-te.

— Impossivel, porque ainda estou um pouco morrinhento, por isso vou dormir em casa !

— Pois faz o que melhor entenderes ; agora diz-me : queres acompanhar-me até ao hotel Ravot ?...

— Não ; porque daqui vou direito para casa.

— Então adeus, disse a hespanhola ; desceu a escada e foi-se, e enquanto os dois forão para dentro, pedirão uma garrafa com cerveja, e principiarão uma boa palestra na qual tomou parte a criada que os servia. Já tivemos mais de uma occasião dito que Eduardo era muito perspicaz, e já mais de uma vez a amavel leitora o tem visto descortinar quasi impossiveis ; pois nessa occasião, por tal maneira catechisou a criada que, ao segundo copo que beberão de cerveja, já sabião que a hespanhola tinha ido ao hotel Ravot, não visitar a sua amiga,

mas sim buscal-a para irem ao baile no *Pavilhão fluminense*, a convite e em companhia dos hespanhóes e que D. Pio não acompanhava por não os conhecer...

Satisfeito da descoberta, disse Eduardo ao José :

— São dez horas ; vamos até ao *Pavilhão* ?

Pagarão a despeza, despedirão-se da criada linguaruda e lá forão os dois até á rua dos Invalidos, esquina do Campo da Acclamação. Era ali situado o edificio chamado *Pavilhão fluminense*, onde tinham lugar os melhores bailes publicos daquela época ; a sua fama não se ostentava sómente pelo seu espaçoso, elegante, bonito e arejado salão rodeado de jardins.

Era tambem frequentado pelo que havia de melhor, mais bello, nobre e aristocratico na classe das Aspazias, Cleopatras, Margaridas e outras como ellas ! Os homens erão desde a primeira até a ultima camada, pois facilimo era ver-se uma das primeiras bellezas agora de braço com um banqueiro, pouco depois dançando com um caixeiro de taverna, ou com individuos cuja posição é um myto para todos, porque não tem nenhuma occupação nem modo de vida, mas passão sempre bem !...

A' vista deste contraste, pôde o leitor avaliar como era concorrido o salão e os bailes, ali encontrava-se tudo sem pôr os pés na rua: se havia desejo de beber um copo de capilé ao ar livre, lá encontrava um botequim no jardim e mezas debaixo das arvores rodeadas de cadeiras; se os pares cançados e suando depois de dançarem alguma graciosa quadrilha, lasciva polka ou vertiginosa walsa com medo das constipações desejavão mesmo no salão um calix de vinho, cognac, marrasquino ou licor, lá também tinha um bem provido botequim sem nada lhe faltar, e mesmo de *vis-à-vis* á plata-fórma onde a orchestra se ostentava orgulhosa nas suas desafinações.

No meio daquella orgia cujo campo em que ellas tinhão lugar, não se podia chamar um edem de perdição, porque no *Pavilhão* teve lugar muitos bailes de beneficencia, e mesmo familiares; muitos concertos e até representações theatraes.

Serião dez horas e meia quando Eduardo e José fizerão entrada no salão e metterão-se por entre aquelle povaréo !

Faltou-nos dizer-lhes, leitores, que o sexo fragil, mas depenador, que frequentava esta ordem

de bailes, divide-se em duas classes distinctas : aristocratas e democratas. As primeiras ostentam a sua importancia passeando pelo braço de algum taful pretencioso, ou de algum velho tolo, que quer um ou outro, servia-lhe de páo de cabelleira, enquanto ellas distribuem olhares de ascendencia a quem lhes fazia conta !... E' de altiva compaixão as democratas que se ralavão de inveja ao contemplal-as arrastando vestidos com immensas caudas de seda ou setim, de custosos lavores e altos preços !

Costumão ir a estes bailes mais para pescar que dançar, pois em cada noite que ali vão, o mais que danção é uma quadrilha.

As outras pelo contrario danção sempre, não perdem uma quadrilha, polka, walsa ou schotz, e se em alguma cousa não tem par, é tal o amor que têm á taes divertimentos que dançam mesmo sós, e, de cada vez que acaba qualquer contradança lá vão ellas para o botequim, o que no final se retirem quasi todas embriagadas ; não ha um só daquelles divertimentos que não hajão scenas de ciume que acabão muitas vezes por barulho, e já se tem dado o caso de bem sérios conflictos acabando em facadas e mesmo mortes ! não fallando no suicidio daquellas desgraçadas

que tem encontrado a morte pelo excesso daquellas orgias onde bebem e dançam desenfreadamente !

Quando acabou uma quadrilha, Eduardo com o José atravessarão o salão e forão-se debruçar em uma das janellas que dava para o jardim, e Eduardo perguntou :

— O' Juca, viste a Isabel ?

— Não.

— Pois não a viste, quando passamos no botequim, com uns sujeitos ?

— Não vi, palavra de honra !

— Pois está com os hespanhóes que encontrei na rua do Rosario, naquella noite que deparei com o Pio.

— E agora o que pretende fazer ?

— Dançar com alguma bonita rapariga, se encontrar.

— Então vá antes dançar com a D. Isabel.

— Não ; com ella nem danço nem fallo aqui !

— Olhe, disse o José, ali vem uma bella pequena vestida de branco.

Com effeito, uma sympathica rapariga passava nesse momento pela frente dos dois.

Eduardo seguio-a e, depois de a comprimen-

tar, pediu-lhe para dançarem uma quadrilha ; a pequena logo aceitou, mas com a condição que só dançava de *vis-à-vis* com uma sua amiga que com ella tinha vindo ao baile : foi logo aceita a proposta e, como desse o signal para principiar, lá forão os dois tomar lugar entre os outros pares. Mas, qual não foi o pasmo de Eduardo ao ver, como seu *vis-à-vis*, a D. Isabel em carne e osso, tendo por cavalheiro um dos hespanhóes ! Elle, porém, fez que não os conhecia, e, principiada que foi a quadrilha, é que não lhe foi possível conter-se com riso como todos que dançavão, pois o par da hespanhola como nunca na sua vida tinha dançado em taes apuros se vio, que até ao chão foi dar com os costados.

Nessa occasião José tomou conta de D. Isabel, e a partida foi bem até terminar.

No fim Eduardo convidou o seu elegante par a tomar algum refresco, o que ella aceitou tomando cerveja, indo em seguida dar uma volta pelo jardim onde, no correr da conversação, ella contou ser conterranea de Isabel e conhecel-a ha muito tempo.

O aviso, porém, de uma polka fez com que a hespanholita se virasse para Eduardo e lhe dissesse :

— Vamos dançar?

— Pois vamos!... respondeu o interpellado.

E lá forão os dois para o turbilhão. Quando acabou a polka, veio um dos hespanhóes pedir ao par de Eduardo para que fosse para a meza dos patricios, ao que ella se recusou; o importuno quando se retirou, Eduardo, virando-se com seriedade para a hespanholita, perguntou-lhe:

— Qual é a razão porque não vai para companhia dos seus patricios?...

— Porque nunca gostei de ver-me no meio de bebados e malcriados!

A' vista desta resposta, Eduardo não insistio mais.

Continuou-se, pois, a dançar; no fim do baile, como a orgia redobrava, as quadrilhas erão dançadas por tal maneira, que a roda de Eduardo teve flôres, palmas e bravos: tal era a indecencia desenfreada do *kan-kan*!

Tinha finalisado o baile. Eduardo perguntou ao seu constante par se queria que acompanhasse á casa, ao que ella não sómente aceitou, mas declarou que isso mesmo lhe ia pedir!

Deixem agora Eduardo em procura do Juca, até que deparou no jardim com elle, bebendo em

companhia de Isabel e dos hespanhóes e, de longe, gritou-lhe :

— O' Juca, anda ; vamos levar a rainha da noite ao seu castello ! e, virando as costas foi andando. A' sahida o José disse para os dois :

— O senhor não calcula como ficou a D. Isabel quando ouviu dizer-lhe que ia acompanhar a senhorita á casa ! ficou livida e mordeu os beiços de raiva !

— Deixa morder ; enquanto não morder-me tudo, vai bem !...

Erão cinco horas da manhã quando recolherão-se Eduardo e José á casa da rua da Quitanda, e tão fatigados e moidos estavam que, mal se deitarão, adormecerão ; pelas sete horas da manhã, forão despertados por vigorosas pancadas dadas na porta da sala, porque a da rua era costume o locatario da loja abrir ás cinco. Levantou-se José esfregando os olhos, abriu a porta e deu de cara com Isabel que lhe perguntou :

— O Eduardo está em casa ?

— Está, sim senhora, mas dormindo.

— E' o que lhe vale, senão ia agora mesmo

busca-o na casa daquella descarada, que por desgraça, é minha patricia !...

Eduardo, que tudo estava ouvindo, não se pôde conter, e deu uma estrondosa gargalhada.

A hespanhola, logo que ouviu-o, foi até ao quarto e foi lhe dizendo :

— Você é muito máo, pois porque não me acompanhou a mim á casa, em lugar daquella lambisgoia, presumida e tola ?

— Porque a Sra. D. Isabel tinha á sua disposição pelo mehos, cinco galantes e attenciosos cavalheiros, enquanto ella, só tinha a minha quasi nulla individualidade !...

— O que lhe vale, é que della eu não tenho ciumes, porque o senhor não pôde gostar de uma tísica daquellas !...

— Estimo muito da minha parte.

— Bem ; não tratemos mais disto. Sabes que hontem ou hoje quando regressei do baile briguei com a dona da casa por tua causa ?

— Por minha causa ?...

— Sim, admiras-te ?

— Tanto admiro, que ponho em duvida !

— Pois então escuta, depois dirás o que te parecer.

Quando entrei em casa ia acompanhada pelos hespanhóes aos quaes despedi na entrada. Elles forão seu caminho e eu dirigi-me para a janella, de onde chamei um tilbury que passava; chegando á porta da rua não encontrei a chave, por isso chamei: veio a *madame* e perguntou-me se quèria sahir, disse que sim! quiz saber onde ia, rêspondilhe que á tua casa! Disse-me então, que não abria porque a minha ruina eras tu, que era uma tola muito grande, que apezar da minha idade, não tinha pratica nenhuma do mundo... depois principiou a dizer o diabo de ti! aquillo é que foi a tentação. Eu vim alegre do baile, porque bebi de mais por ver-te sempre acompanhando aquella sardinha; já vês que com o sangue um pouco quente, foi um apice para ferver! agora o verás: caio-lhe em cima de sopapo e sôco, e, como tivesse ficado febril, fui deitar-me!

Mas, mal tinha fechado a porta do meu quarto, eis a mulher a gritar, que não me queria mais em casa, e se não sahisse logo, que ia queixar-se á policia. A' vista disto, vim prevenir-te e perguntar-te: o que devo fazer?

— Mudar-se! Então a senhora dá na mulher, e quer ficar-lhe em casa?!...

— Agora, o que fazer !

— Vá arrumar o que é seu, que depois que durma o sufficiente irei procurar commodo para mudar-se !

— E ha que horas o devo esperar ?

— A's sete ou sete e meia da noite.

— Então... até logo, Eduardo.

— Adeus !... respondeu elle virando-se na cama e adormecendo em seguida.

Pouco passavão das sete horas, quando Eduardo e José tomarão um carro e mandarão seguir para a rua do Rosario. Logo que parou, José subio, avisar a hespanhola ; voltarão juntos com umas trouxas, caixas de chapéos, um pequeno bahú e algumas miudezas, que era no que consistia os penates de D. Isabel, que entrou para o carro com José e, mal se tinha ella sentado a par de Eduardo, perguntou-lhe :

— Para onde vamos ?

— Vai ver ; respondeu o interrogado, e dirigindo-se ao cocheiro, disse-lhe :

— Para a rua do Fogo, esquina da da Alfandega.

Minutos depois, parava o carro á porta do hotel S. Sebastião. Eduardo apeou-se primeiro, e foi ter com o dono da casa, para que este man-

dasse abrir os commodos que tinha alugado e, ao mesmo tempo, mandar pelos criados transportar o que tinha vindo no carro que, logo que ficou vasio, retirou-se.

Ainda não era passada meia hora que D. Isabel tinha sahido da casa da rua do Rosario, e já estava de novo alojada em um bom compartimento, arejado, limpo e com sua elegancia particular.

Eduardo, logo que vio tudo prompto, pegou no chapéo, e virando-se para José, disse-lhe :

— Vamo-nos embora !... mas foi detido pela hespanhola que lhe tirou o chapéo, obrigando-o por esse modo a ficar, tendo o José de ir sósinho para a rua da Quitanda tratar de dar um pouco de allivio aos santos ossos com o descanço.



XIII

Mais alguns dias foram passados, sem novidade entre os dois.

No domingo, porém, tendo Eduardo e José jantado em companhia de Isabel, esta, no fim, pediu ao seu querido para que a levasse ao Pavilhão.

Eduardo, como não a quizesse contrariar, accedeu; e, ás horas convenientes, para lá se dirigirão.

A primeira polka que se tocou, Eduardo foi dançar com a hespanhola; mas, por mais que fizesse, não pôde fazer com que ella acertasse, o que não lhe admirou, pois logo reparou que ella não sabia um passo da dança. Ainda os musicos tocavão, já Eduardo tinha pedido para que a hespanhola se sentasse, dizendo-lhe :

— Nós não acertamos !

Ao que ella respondeu :

— Então é porque você não sabe dançar!

— Talvez, filha... e quem te diz o contrario? Sabes que nem todos podem saber o que tu sabes!...

Isabel, conhecendo que Eduardo a estava ridicularizando, por tal modo se tornou importuna, que obrigou-o a levantar-se, e, sem nada dizer, foi passear para o jardim, onde encontrou alguns rapazes conhecidos que instarão com elle para beber alguma cousa.

Estava, pois, o nosso heróe bebendo um calix de cognac, quando o Juca chega ao pé d'elle e lhe communica que a hespanhola o mandava chamar; despedio-se e lá foi com o José, mas ao approximar-se onde estava a Isabel, ouviu esta dizendo a um rapazinho espigado quasi imberbe.

— Chamei-o para lhe pedir que dance comigo a primeira quadrilha...

— Com todo o gosto; respondeu o menino todo desvanecido.

Eduardo, apesar de todo seu pouco caso, logo que acabou de ouvir o dialogo entre os dois, foi perto da hespanhola, e a meia voz, disse-lhe:

—Então mandou-me chamar para que ouvisse o seu convite á aquelle menino que ali vai?

— Foi elle que convidou-me !...

— Não minta ; Seja safada mesmo ao ponto de causar nojo mas não falte á verdade...

— Então eu causei-lhe nojo ?

— Causa e ha muito tempo porque a senhora é a mulher mais devassa e sem vergonha que na minha vida tenho encontrado !

— Cale-se que nunca ouvi de ninguem as palavras que ouvi agora do senhor !

— Não admire porque a senhora nem merece que se lhe diga o que é, o que foi e o que será !...

— E' de mais Sr. Eduardo !

— Diz bem, é de mais ! mas sómente a importancia que lhe tenho dado ! desculpe pois a importunação que vou ver se deparo por este salão alguma misera vagabunda que me faça a honra de me convidar para uma quadrilha, adeus... e virando as costas á pobre hespanhola internou-se pelo meio do povo, no meio do qual foi detido pelo Pio que lhe disse :

— Ainda bem que o encontro para lhe dar uma boa noticia.

— Diga se é boa !

— E' que está ali uma galante e bonita moxaxa que o procura e que me disse que se o senhor aqui não estivesse, não dançaria com ninguem mais.

— Então vamos ao encontro dessa belleza peregrina! Vamos!... e lá forão a encontrarse com a tal joven que era nada mais e nada menos que a companheira de baile de Eduardo do ultimo domingo, cumprimentarão-se, tomarão ella um refresco elles cognac e quando a musica fez a chamada lá forão os dois para á dança.

Quando tinha concluido a quadrilha vio-se atravessar o salão em direitura á porta da sahida D. Isabel! o que fez Eduardo dizer á hespanholita.

— Lá vai o meu anjo com o diabo no corpo!...

— Então o senhor está mal com ella?...

— Qual eu não fico por maneira alguma mal com o sexo amavel.

— Então porque se foi ella embora?

Eduardo ia a responder quando foi interrompido pelo creado da senhorita que sem mais preambulos foi dizendo.

— D. Isabel manda participar-lhe que se retirou para não continuar a vel-a dançar com o Sr. Eduardo!

Este ultimo não se pode ter mais e deu uma estrondosa gargalhada!

— Em quanto ella respondia — com certeza está maluca a pobre Isabel.

A gargalhada do Eduardo fez o José e D. Pio aproximarem-se e perguntarem em duo a causa daquella hilaridade, ao que este informou-os do que se passava, e quando concluiu disse á hespanholita.

— Não desejo por modo algum ser a causa de um rompimento entre a senhora e Isabel, que ha muito são amigas por isso entendo melhor não continuarmos juntos e muito menos dançarmos!...

E sem esperar resposta foi para o jardim com seus companheiros onde mandarão vir cerveja! quando tinhão bebido, o Juca propoz ir dançar-se uma polka. Eduardo levantou-se mas foi incontinenti detido por D. Pio que com insistencia pediu para lhe dar uma explicação! O detido sentou-se e perguntou :

— Que explicação deseja D. Pio?

— A que me queria dar na rua do Rozario quando fomos interrompidos pela Isabel!

— Mas não era explicação que lhe desejava dar!

— Então o que era?

— Ora era pura e simplesmente chamal-o de tolo!

— A mim porque ? diga-me Sr. Eduardo ?...

— Com todo gosto ! Ora diga D. Pio : pois o senhor rapaz na flor da idade não tendo um só defeito physico, não tem remorsos em dar á primeira mulher que depára em seu caminho uma quantia com que tinha de fumar barbear-se e outras muidezas por mais de trez mezes ? ora responda com franqueza, que nome deve ter quem faz destas asneiras ?

— O de palerma, tolo, ou asno !

— Estou contente porque vejo que é possivel regenerar-se !

Estendendo-lhe a mão continuou, se tomar juizo conte com mais um amigo !

— Aceito e agradeço e de hoje avante lhe pedirei os seus conselhos.

— E eu lh'os darei de bom grado D. Pio.

— Mil graças, agora vamos até ao salão !... e lá forão sahindo as trez da madrugada depois de terem dançado com diversas jovens do mundo equivoco !

XIV

Trez dias se decorrerão sem que Eduardo fosse incommodado quer pela hespanhola, quer pelas linguas veperinas da visinhança ; ao quarto dia tendo hido jantar com um amigo ; o qual tendo de fazer algumas compras pedio a Eduardo para acompanhal-o : forão pois os dois e tão distrahido hia Eduardo com seu companheiro que de repente foi despertado por alguns Pist ! pist ! então reparou que passava na rua da Alfândega esquina da dos Andradas, porém fez que não ouvio, mas foi peor para elle, porque a Isabel vendo que elle não se virava gritou da janela do hotel.

— Oh ! Sr. Eduardo tenha a bondade de subir que preciso communicar-lhe um negocio importante !

Eduardo quiz fazer ouvidos de mercador mas vendo o amigo parado disse-lhe : vamos !.,.

— Como, pois o senhor não escutou aquella senhora chamal-o !

— Qual senhora !

— Aquella que está na janella do hotel !

— Ah ! aquella ? disse Eduardo olhando para onde estava a Isabel e continuou.

— Realmente não ouvia, mas não faz mal, tudo se remedeia. Suba commigo e venha assistir á conferencia !

— Não o acompanho por ter de hir a S. Christovão entregar uma carta de grande importancia ! vá pois o senhor ver o que dezeja a joven que á noite o procurarei no seu escriptorio !

— Então adeos !

— Adeos ! e lá foi um para S. Christovão e o outro para o hotel.

No patamar da escada foi Eduardo agarrado por Isabel, que o levou para o quarto, onde chegados principiou a beijal-o e a dizer-lhe.

— Então, não querias voltar mais ingrato ? onde tens passado estas noites ; já te fui procurar não sei quantas vezes e não te tenho encontrado.

— Sinto muito da minha parte !...

— O que é que tu sentes ?

— O não me teres encontrado quando me procuras...

— Creio ! mas não fallemos mais nisso ! diga-me como vai a demanda ?

— Por enquanto bem !

— Então o juiz já mandou levantar a penhora ?

— Ainda não, pois do contrario terias a estas horas em casa o que te pertence ! agora diz-me foi para isso que tanto gritaste ao chamar-me ?

— Não ! foi para mais alguma coisa !

— Então, falla !

— Quero que continues a vir todas as noites fazer-me companhia !...

— Não me é possível !

— Porque ?

— Por estar doente e não poder apanhar serenot

— Eu lhe mostro se pode ou não ficar ; — foi á porta fechou-a ! e voltando continuou, como não quiz annuir ao meu pedido por bem, tem de annuir por mal, e affianço-lhe que faça o que fizer daqui não sai hoje !...

Eduardo procurou todos os meios convincentes para sair, mas vendo que nada alcançava ficou para não dar algum escandalo, principiou porém a ruminar no modo porque se havia de ver livre de tal mulher, que em tudo e por tudo

se estava tornando mais que impertinente, intolerante, e aborrecida ! passou pois o nosso heroe aquella noite no hotel, e no dia seguinte continuou no ficto de romper as relações com tal harpia ! E como os leitores verão chegou a um accordo de idéas que tratou de realisar no primeiro domingo em seguida á scena que relatamos.

No dia aprasado Eduardo com seu inseparavel companheiro, dirigio-se á rua dos Andradas e depois de subirem forão bater a porta do quarto de D. Isabel, que da parte de dentro respondeo— empurre e entre.— Ao entrarem depois do empurrão depararão com Cardozo, amigo velho, a quem logo cumprimentarão e do qual mais tarde faremos apresentação as nossas leitoras !...

Eduardo não áceitou a cadeira offerecida pela hespanhóla e em lugar de lhe agradecer foi dizendo-lhe— D. Isabel preciso muito fallar-lhe !

— Com todo gosto !

— Mas é em particular !

O Cardozo logo que isto escutou levantou-se e dirigindo-se ao grupo, — estejam á vontade, vou lá para fóra e quando acabarem voltarei— disse elle !

O José hia tambem sabendo quando Eduardo o fez retroceder com estas palavras,— tu fica, pois o que tenho a dizer á D. Isabel podes ouvir que já o sabes,— depois virando-se para a hespanhóla continuou,— a senhora vai ficar fulminada com a noticia que lhe vou dár mas são tantas as provas que a senhora tem me dado de amizade que não posso nem devo esconder o que horem me aconteceu !

— O que foi ? diga !...

— Antes de tudo é necessario que prometta por em quanto a ninguem revelar o que vou dizer!

— Prometto, agora diga o que lhe succedeo ?

— Estou completamente desgraçado protesta-rão-me uma letra por falta de pagamento, abri-rão-me fallencia e fatalmente o que tenho não chega para o pagamento dos credores !

— Então nãe moras mais na rua da Quitanda ?

— Não !...

— Onde moras ?

— Aluguei um quarto para mim e o José em um cortiço da rua do Sabão da cidade nova por oito mil réis mensaes.

— Então tens lá tua roupa e trastes ?

— Tenho sómente duas esteiras e uma garrafa que nos serve de castiçal.

— É porque não levastes a roupa e cama ?

— Porque não quero que meos credores digão que em trastes e em roupa lhe levei centenaes de mil réis e de mais hoje para mim é completamente inutil tanto o luxo como as boas commo-
didades !

— Neste caso fizestes bem ! digão-me, vocês já jantarão ?

— Não, porque além da falta de dinheiro, os convites escassearão de todo !...

— De todo não, pois se quizerem jantarão commigo !

— Não, porque temos de arranjar algum dinheiro para comermos estes dias e a pessoa a qual vamos pedir deve estar agora em casa !...

— Então vão e voltem...

— Sim, antes das nove horas estaremos aqui !...

Sahirão e depois que dobrarão a primeira esquina pararão para rirem a *bandeiras despregadas* como diz o vulgo. Depois de terem dado algumas voltas Eduardo lembrou que seria melhor voltar ao hotel de S. Sebastião, e jantarem ali mesmo, para dessa maneira convencerem a hespauhóla com mais facilidade ! o Juca esteve de accordo por isso voltarão ao hotel, e como a hes-

panhóla estivesse sózinha fez-lhe companhia ao jantar durante o qual, Eduardo conservou-se triste e cabisbaixo e só interrompendo-se de comer para dizer ao José de vez em quando, — olha que a despeza não passe de trez mil réis pois será uma vergonha para nós se for além da receita !...

Isabel estava como que absorta e nada dizia e nem comia pois já tinha jantado ! mas de repente appareceu á porta o Cardozo ; ella immediatamente levantou-se dizendo para Eduardo.

— Não te vas sem me fallar ! ouvistes ? e sem esperar resposta foi ter com o Cardozo, — mal porém ella tinha sahido o Juca hia a dar uma gargalhada mas foi detido por Eduardo que disse-lhe ; — vê agora se queres com tuas imprudencias botar tudo a perder !

— Tem razão : agora é que estou vendo que a D. Isabel não tem prespicacia nenhuma ! é verdade tambem que o senhor representa com tanta naturalidade que a mim mesmo illudio e a prova é que á pouco levei a mão ao bulço das calças a ver se tinha as chaves da porta da casa da rua da Quitanda e foi por isso que hia dando aquella risada, que o senhor atalhou a tempo !

Está bom, vamos acabar de jantar com todo

vagar pois nestas duas horas mais chegadas poderemos ter muitas companhias menos a de D. Isabel !...

— Qual, ella não o fará esperar nem vinte minutos !

— Isso era bom no tempo que estava estabelecido : mas agora que nada tenho !

— Pois bem eu aposto como ella não tarda mais de meia hora !

— Está dito ? mas o que queres apostar !

— O que quizer !

Pois quem perder pagará toda a cerveja que bebermos esta noite !

— Aceito !...

— Então, o dito dito !... mal Eduardo tinha acabado este dialogo, entrou D. Pio que os cumprimentou e assistio ao fim do jantar, depois do qual mandarão vir cerveja, que forão bebendo, e palestrando ; desse modo passarão mais de uma hora, o que fez o José, esclamar.

— O Sr. Eduardo é o ente mais infallivel que conheço !...

— Alto Sr. José, lembre-se que nunca fui Papa.

— Mas é o mesmo que o fosse.

— Porque ?

— Porque ganhou uma aposta, na qual jogaria a propria vida com todas as probabilidades de ganhar.

— Não sejas criança, pois se conhecesses as mulheres não dizias tantas asneiras.

— Creio Sr. Eduardo e cada vez mais me convenço, que ha poucos que conheção as mulheres como o senhor ?

— Nesse ponto acompanho-o Sr. José, acrescentou o D. Pio.—depois desse pequeno episodio a conversação mudou de assumpto ! mas logo que Eduardo ouviu dar dez horas levantou-se e disse aos companheiros, esperem-me que volto já— em seguida foi até á saleta contigua onde encontrou a Isabel conversando com o Cardozo, e interrompendo-os, disse á hespanhola,— como ordenou-me não sahir sem lhe fallar, venho pedir as suas ordens.

A hespanhóla levantou-se contrariada e respondeu : venha até ao meu quarto !... quando entrarão, ella continuou — Sr. Eduardo, sinto não estar em posição de offerecer tudo que merece ; acredite porém que tudo farei pelo senhor, não peço que fique esta noite aqui ; porque sei que deseja ir com o José dormir na sua nova residencia : venha porém amanhã sem falta ficar commigo.

— Então, hoje não quer mais nada de mim ?

— Hoje nada, respondeu Isabel, querendo retirar-se, porém Eduardo embargou-lhe a sahida dizendo ; espere, que tenho alguma cousa a dizer !

— Diga mas depressa.

— Pois eu não tenho nenhuma ; peço-lhe que ouça ; até agora fiz o que pude pela senhora, porém agora que estou arruinado nada posso continuar a fazer, por isso é necessario que a senhora até ao meio-dia de amanhã arranje uma pessoa que tome o encargo que tomei até agora no seu negocio pois deverá comprehender que não me convém por maneira alguma, continuar a tratar de seus negocios, já pelo lado do meu estado, já mesmo por falta de dinheiro.

— Está bem, agora mesmo vou arranjar quem o substitua : e sahindo em pouco tempo voltou acompanhada do Cardozo ; a quem como prometemos vamos apresentar o mais modestamente possível.

O nosso apresentado tinha estatura mediana, tez palida, mas de uma palidez amarelada, regulava vinte e cinco a trinta annos, usava barba á ingleza : no physico nada mais podemos fallar, vamos agora ao moral ! era um dos muitos que desejão passar por conquistador de mulheres fa-

ceis e no entanto na mão dellas fazem a mesma figura que um brinquedo a que as crianças denominão *João Paulino*.

Empregado no commercio, em uma das muitas casas que por ahi temos, que devido a falta de administração os empregados gozão toda liberdade, não sómente para se perderem como também arruinarem seus imprevidentes patrões !...

Eduardo ao ver a hespanhola com o Cardozo custou-lhe a conter o sério, ainda assim, foi com ar sardonico que se dirigio a D. Isabel

— Então é aquelle senhor que vai ser o procurador especial da senhora ?

— O Cardozo atalho-o dizendo.

— Não sou eu, não senhor, é um amigo meu !

— Muito bem ; mas diga-me se seu amigo tem nome ou posição para garantir a quem tem tratado da questão, os honorarios e mais despezas?

— Nada posso responder sem saber em quanto andará.

— Eu lhe digo ao passar os poderes particulares que tenho julgo que bastarão uns trezentos mil réis ; que é mais ou menos o que ao advogado se pode dever.

— E' muito dinheiro e com franqueza nada

posso arranjar para amanhã ; mas ao dizer isto o Cardozo estava como que humilhado da resposta que tinha dado— quanto é tolo um rapaz que não tem experiencia do mundo !...

A hespanhóla vendo o ar desdenhoso do Eduardo em frente do Cardozo humilhado e abatido atalhou a scena dizendo : esteja amanhã as onze horas nesta casa que encontrará pessoa para substituil-o e pagar-lhe !

— Aqui não venho, mande a senhora quem quizer ou quem entender ao cartorio do Fialho, que do meio-dia á uma da tarde lá estarei.

— E se não pedir a ninguem para ir o que fará ?

— Isso depois fallaremos !

— O Sr. Eduardo é muito vil :

— E a Sra. D. Isabel o que é não me dirá !...

— O senhor não me insulte ouviu ? rugio a hespanhola com gesto ameaçador, mas quando quiz avançar foi detida pelo Cardozo que pediu, não altercassem nem fallassem tão alto que ficava mal tanto a um como a outro— mas ainda bem não tinha concluido quando foi interrompido por Eduardo que lhe redarguiu.

— Cale-se ! não seja palerma e nunca se meta onde não for chamado.

É lembre-se o que é, e o que continuará a ser !...

— Então o que sou ?

— Um Manoel de Souza, meu caro ! agora como não desejo dar-lhe conselhos, peço para que tome uma cadeira, a Sra. D. Isabel outra e vamos conversar um pouco. Ao ouvir isto a hespanhola não se podendo conter gritou !

— Então quem manda aqui ?

— Logo veremos ; respondeu Eduardo, e continuou : — agora que estamos mais placidos vou dizer com a maior franqueza o que sinto e o que quero : a Sra. D. Isabel sabe perfeitamente mais ou menos quanto se tem gasto com advogado e procurador, vou fazer-lhe pois uma proposta que se não for aceita, perderá só a senhora.

— Que proposta ? diga !

— A senhora tem em seu poder um retrato e tres bilhetes meus, entregue-m'os que agora mesmo passo um recibo do que tenho gasto na demanda e amanhã pode substabelecer os poderes que me deu no Sr. Cardozo ou em outro qualquer que nisso devem lucrar muito e, se não tiverem como eu lucros pecuniarios, têm ao menos a gloria de chegarem á posteridade da...
lama !

A hespanhola levantou-se e fingindo-se zangada respondeo :— o senhor é muito insolente, vou buscar o retrato, e os bilhetes que pede para não o aturar mais ; e, como disse, foi buscal-os entregando tudo a Eduardo que, depois de verificar a sua identidade, accendeo um phosforo e queimou os bilhetes, guardando o retrato e virando-se para Isabel disse-lhe : as despezas da sua demanda estão saldas ! — amanhã, do meio-dia á uma hora da tarde estarei no cartorio do Fialho para cumprir a minha palavra—; falta-me porém agradecer o diminuto preço porque me vendeu o meu retrato e tres pedaços de papel com a minha firma ; mas não o podendo fazer, agora só lhe direi: mais vale tarde que nunca.

— Não posso dizer se foi caro ou barato; quem melhor o pode saber é o senhor que fez o preço, respondeo a hespanhola com o maior descaramento ; ao que Eduardo redarguiu.

— Eu sei minha senhora, mas o meu agradecimento é justo !...

— Mas, porque ?

— Por não ter pedido mais do que offereci !

— Como o senhor se engana, creia que se alguém me pedisse o que o senhor diz ter comprado barato, eu daria-lhe de graça !

— Com isso me alegro, pois qualquer pode possuir o meu retrato menos a senhora que não merece !

— Não diga isso que me faz rir !

— Faça-a rir ?

— Faz sim, porque tenho em meu poder retratos de pessoas muito distinctas.

— E' porque essas pessoas não lhe conhecem os dotes que eu lhe conheço ; mas é tarde : sabem que mais, adeos, e pegando no chapéo pol-o na cabeça e sahio, porém mal tinha dado alguns passos foi rodeado por seus companheiros que a um tempo exclamarão.

— O senhor é um heróe !

— De cortiço, não ?

— De tudo, Sr. Eduardo ? respondeu o Pio e conduzindo-o para um canto da sala continuou : — vamos ceiar com o Juca e aquelles dois patricios e no fim continuaremos a nossa conversa.

— Então vamos !...

Reunirão-se os cinco em roda de uma das mesas, mandarão vir a ceia e alegremente comerão e beberão. no correr da refeição é que Eduardo soube que os quatro não só ouvirão como virão o que se tinha passado com a hespa-

nhola, foi essa a razão porque todos a uma voz lhe chamarão heróel no final da ceia, o Pio pagou as despesas, e logo que sahirão, vio-se Eduardo atrapalhado com tanta dedicação, todos lhe querião emprestar dinheiro, dar casa e comida: elle porém teimava que ia para o cortiço, mas vendo que não se via por esse modo livre delles foi os levando até á rua da Quitanda, onde abrindo a porta os fez a todos subir para sua moradia; José accendeu uma vella, depois Eduardo virando-se para D. Pio e seus dois companheiros disse-lhes.

Aqui tem os senhores o cortiço, onde moro, e que fica as ordens e disposição dos amigos, e dirigindo-se para o José continuou:— tem paciencia traz-nos uma garrafa de champagne e copos.

Em poucos minutos estava a garrafa aberta e os vasos de crystal cheios, então Eduardo, empunhando, um disse:— meos senhores é com desvanecimento que os estimo, pois tenho certeza que tomarão a sério a comedia que hoje representei: mas como tambem sei que os senhores pouca pratica têm do mundo e nenhuma das mulheres, quero neste momento pagar os juros da ceia que me offertarão e do dinheiro que desinteressada e cavalheiramente puserão á minha dis-

posição, dando-lhes um bom conselho em poucas palavras.

— Meos amigos temão sempre as mulheres da classe de D. Isabel.

Para salvarem-se das suas trapassas, mentiras e fingimentos basta que tenham sempre em sua companhia a visão que tem sido e continuará a ser a minha companheira inseparavel e a saude da qual peço-lhes que bebão commigo ; todos pegarão em seus copos e Eduardo concluiu :— á saude da descrença, visão, fada ou idea! que me tem salvo até agora das Ninons : todos acompanharão a saude com estrepito ; outras mais houverão e com probabilidade de continuarem se não fossem interrompidas pelo Pio que consultando o relógio gritou ;— são quasi trez horas da madrugada, vamos descansar !

Eduardo enchendo as taças de novo, o Pio pegou na sua e disse : peço o ultimo brinde, á saude e a prosperidade do Sr. Eduardo, o bom amigo, alegre companheiro e sobretudo, primeiro mestre da mocidade !...

—Esta saude foi acolhida com enthusiasmo; os trez hespanhóes, como não aceitassem a hospitalidade do dono da casa, sahirão e forão para

suas residencias, ficando o nosso heróe e seu
companheiro que, poucos instantes passados, já
dormião a bom dormir !...



XV

No dia seguinte a hora aprazada entrou Eduardo no cartorio do tabellião Fialho, onde esperou mais de hora e meia, sem que apparecesse o emissario da hespanhola. Sahindo, foi quasi de encontro ao Silva, antigo amigo e companheiro, ao vel-o, teve logo um projecto salvador, o qual poz em execução, depois de rapida conversa.

Entrarão no cartorio os dois, ahi Eduardo mandou substabelecer ao seu amigo a procuração passada por Isabel com todos os poderes que ella lhe tinha outorgado ou concedido. Foi Eduardo depois apresentar o novo procurador ao advogado, e solicitador a quem declarou que tendo de fazer uma viagem, deixava o Sr. Silva fazendo suas vezes.

Em seguida pedio Eduardo ao seu companheiro para dirigir-se ao hotel S. Sebastião e dizer a

D. Isabel que lhe ia avisar da minha parte que como ella não mandou a pessoa que me devia substituir, tomei a deliberação de te passar os poderes porque não podia esperar mais, e para final diz-lhe o que entenderes,— agora vai e até logo.

— Até logo, não ! espera-me no botequim da esquina da rua do Hospicio para tomarmos cerveja !

— Pois sim, vou esperar-te no botequim, mas não demores muito que ainda tenho afazeres !

— O menos que puder ; respondeu o Silva e lá foi cada um para o seu lado, haverião passado uns vinte minutos que Eduardo estava no ponto tratado quando entrou o Silva radiante.

Eduardo pediu cerveja ao caixeiro do botequim; e em seguida virando-se para o amigo recém-chegado perguntou-lhe.

— Como foste de participação ?

— Menos mal.

— Gostaste della ?

— Por em quanto nada digo.

— Não vociferou contra mim ?

— Quasi nada, a maior parte do tempo levou a pedir-me que lhe tratasse do seu negocio com toda solicitude que me seria grata até ao extremo :

— E a respeito da importancia das despezas ?

— Respondeu-me que por estes dias satisfaria.

— Bom, vamos a ver se cumpre a palavra.

— Pelo modo que fallou, creio que não falta.

— Sublime, caro Silva, agora como acabámos a cerveja, vamos as obrigações, e quando precisar de ti, mando, ou vou chamar-te.

— Está dito.

— E forão com effeito aos seus afazeres correndo nesse dia os negocios de Eduardo, como se costuma dizer, divinamente.

Decorrerão quinze dias, adiando sempre a hespanhola de dia em dia o pagamento das despezas feitas; quando, sem ser esperado, veio o despacho do juiz, mandado fazer o levantamento da penhora. Foi o Silva, a pedido de Eduardo, acompanhar os officiaes de justiça ao hotel da rua da Lampadoza, para, como procurador particular de D. Isabel, receber tudo que estava retido, e mandar remover para a sua propria casa. Depois disso feito, o Silva foi participar a Eduardo que tudo estava concluido, este porém pediu-lhe que fosse ter com a hespanhola para ver se pagava ou não as despezas, e caso ella não tivesse dinheiro, aceitasse como pagamento um recibo mais ou menos, concebido nestes termos :

« Recebi de Eduardo etc., etc., etc., tudo quanto me foi apprehendido no hotel de tal, por madamas taes, e como o mesmo Sr. Eduardo me fizesse esmola de todas as despezas que fez com advogados, sôlicitadores etc., etc., etc., passo este, não sómente em signal de gratidão, como documento da verdade. »

Eduardo depois de dar estas instrucções a seu amigo Silva não lhe occorreu avisal-o da comedia da sua fallencia, razão pela qual o leitor vai ver uma verdadeira scena de desparates.

Foi o Silva ter com D. Isabel a quem encontrou risonha e amavel ; o nosso Silva, depois dos cumprimentos, disse-lhe com pouca differença o que Eduardo lhe communicou, a hespanhola ao ouvir tal, levantou-se indignada e respondeo. Amanhã ás dez horas da manhã, irei buscar o que me pertence, e nessa occasião pagarei as despezas, pois o Sr. Silva deve comprehender que não posso nem devo aceitar esmolas de quem precisa dellas mais do que eu !...

— Mas a esmola não é recebida de mim, Sra. D. Isabel !

— Sei que não é do senhor, porque se fosse de sua mão creio que estava no caso de a fazer : mas do miseravel que chegou a tal ponto, que

para o aluguel de um quarto em um cortiço na cidade nova, precisou pedir dinheiro emprestado, já vê que não posso aceitar.

— O' Silva ouviu tudo isso, com uma cara de idiota, mas no final não se pôde mais conter, e deu uma grande gargalhada.

— O' Sr. Silva, porque se ri, diga-me, faz favor ?

— Com todo gosto D. Isabel, em primeiro lugar por dizer-me que Eduardo não tem dinheiro para o aluguel de um quarto, em segundo, por afirmar que eu estou mais no caso, do que elle, de fazer destas e outras esmolas a quem como a senhora dellas não precisa.

— Disse, e sustento comprovas !

— Ora, não me faça crer de três cousas uma.

— Que cousas, e que crer ?

— Ou que a D. Isabel não está boa, ou que pretende caçoar commigo, ou, no fim de contas, não conhece o Eduardo.

— Olhe Sr. Silva, estou no meu juizo perfeito, tão pouco não estou caçoando com o senhor, e conheço muito bem o tal Sr. Eduardo.

— Desculpe-me ; mas não creio.

— O senhor é que parece não conhecê-lo !

— Muito bem, então diga a senhora, Eduardo o que foi e o que é ?

— Não, diga o senhor !...

— Pelo modo que a senhora tem fallado, estou vendo que ou illudirão-na, ou a senhora se illudiu a si propria; por essa razão vou dizer-lhe com toda franqueza quem é Eduardo;— além de ser estabelecido, tem credito bastante ; não direi que tenha fortuna mas, para rapaz solteiro pode dizer-se é quasi rico, porque não deve nem tem socios !

— Mas elle não foi, ou é associado com um tio ?

— Nunca teve, nem tem socio que eu saiba, além disso o seu nome unicamente é o que gira na praça !

— Mas então elle não teve uns desarranjos commerciaes ha um mez mais ou menos ?

— Qual desarranjo, eu cada vez o vejo progredir mais: verdade é que disso bem merecedor se torna pelo seu cavalheirismo, e honradez.

— Talvez, concluiu a hespanhola empallidecendo !

O Silva como a visse pallida, e agitada e não sabendo o que havia dizer, e ao mesmo tempo não podendo ficar calado, perguntou-lhe :

— Diga-me agora D. Isabel, quem é Eduardo já que tão bem o conhece ?

— A vista do que me acabou de explicar, sómente responderei que Eduardo é o unico homem que me tem enganado, mas descance que sou muito generosa para lhe pagar, mais cedo, ou mais tarde o que me tem feito, mas fallemos em outra cousa, amanhã, o senhor tenha a bondade vir a esta sua casa receber o importe das despesas, e depois de estar embolçado mandará o que me pertence ; peço-lhe porém para não dizer a Eduardo o que impensadamente lhe revelei ?

— Nada direi, adeos D. Isabel.

Logo que sahio foi ter com seu amigo a quem contou tudo que tinha passado com a hespanhola, sem omittir a mais pequena minuciosidade. Eduardo então lembrou-se que não tinha prevenido o Silva e por isso exclamou : foi o diabo não ter-te avisado.

— Avisado de que ?

— De uma comedia que representei para me ver livre della !

— E agora ?

— E' ires amanhã receber os cobres que o mais fica por minha conta.

E faço-lhe entrega do que está em meu poder ?

— Porque não ? mesmo que não pague, o deves fazer ; quanto mais pagando ella.

— Então, vou ás minhas occupaões.

— Vai meu Silva, e desculpa tanta massada.

— Não digas isso, Eduardo !

— Tens razão, não devia dizer, porque sei que posso contar tanto contigo, como tu commigo.

— Então adeos : até amanhã.

— Até amanhã, Silva.

No dia immediato recebia o Silva da mão de D. Isabel o pagamento das custas, entregando-lhe tudo o que fôra embargado pela dona do hotel D. Pedro.

Pouco depois entregava Silva, o dinheiro a Eduardo que agradeceu-lhe mais esse favor, e despedirão-se. A tarde Eduardo foi ter com um amigo que nessa epocha occupava o lugar de thezoureiro de uma caixa beneficente que tinha, e ainda tem por fim socorrer a pobresa envergonhada, e fez entrega da quantia que por intermedio do Silva, recebeu da hespanhola em pagamento, e pediu um recibo em nome da D. Isabel.

— Retirou-se com o recibo o nosso herde satisfeito da acção que tinha praticado, que, realmente, no nosso modo de ver as cousas, o nobilitava condignamente.

Nessa mesma noite, serião pouco mais de onze

horas, estava Eduardo recostado lendo um tratado de philosophia, quando foi interrompido por fortes pancadas na porta da rua, o Juca levantou-se para ver quem assim batia aquellas horas, e logo que chegou a janella vio a hespanhola e foi avisar Eduardo que immediatamente levantou-se, enfiou um par de calças e um casaco, dirigio-se a janella e perguntou :

— A Sra. D. Isabel quer alguma cousa ?

— Quero fallar-lhe.

— E' para tratar de alguma outra questão ?

— E' unicamente para lhe fallar.

Pois a estas horas não palestro, e por isso desculpe o não mandar abrir-lhe a porta.

— Não saio daqui sem lhe fallar, gritou, ou antes trovejou a hespanhola : Eduardo, a vista della ficar recalcitrante, redarguiu-lhe : então fique a sua vontade, que da minha parte vou tratar de dormir : boa noite, minha senhora, e fechou a janella: mal se retirava para o seu quarto um projectil atirado pela hespanhola, poz em estilhaços um dos vidros do caixilho de uma das tres vidraças da sala. Eduardo não se assustou, nem deu importancia ao facto ; já tanto elle como o José se dispunhão de novo a deitarem-se, quando um novo projectil fez em pedaços outro

vidro, rolando pela sala o objecto atirado ; forão verificar o que era e depararão com uma moeda de quarenta réis ; um ou dois minutos depois novo vidro quebrado, então Eduardo disse para o José : se ella traz consigo um ou dois mil réis em cobre o que é muito capaz, não nos deixa um só vidro inteiro.

— E o escandalo, Sr. Eduardo, olhe o Lopes, e o Santiago !

— Mas o que queres que lhe faça, diz-me ?

— Eu por mim abria-lhe a porta.

— Qual, eu já te digo o que faço ; entrou no quarto, pegou n'um apito que estava sobre a mesinha da cabeceira, dirigio-se a janella, abrio-a e disse para a atiradora : Sra. D. Isabel, vá para sua casa descansar, faça de conta que estou morando ainda em uma estalagem, e não continue a quebrar-me os vidros que me é prejudicial ; nem espalhe mais dinheiro que pode um dia ser-lhe necessario.

— Abra a porta que é o que desjo, e mais nada...

— Já lhe disse uma vez, que não é possivel.

— Então continuo.

— Continúe que contra a minha vontade mando-a recolher á policia para lhe acalmar o desejo

de dar lucro aos vidraceiros, e semear dinheiro sem necessidade.

— Pois sim, mande-me prender ; e atirou outra moeda e despedaçou outro vidro ; elle a vista disso apitou, e, cousa rara entre nós, não erão passados dois minutos um urbano estava rente com a hespanhola, perguntando o que havia.

Eduardo respondeu-lhe :

— Camarada, essa senhora veio para ahi atirar-me com dinheiro em cobre nos vidros e já me partio trez ; ora, como é cousa que não me convém, peço-lhe que a faça recolher a casa della, se não lhe obedecer prenda-a. Mal elle tinha acabado a ultima syllaba, uma nova moeda foi atirada, e quatro vidros inutilizados.

Com esta nova provocação o zelador da ordem publica deu voz de prisão em nome do chefe da policia á hespanhola atiradora mór.

A D. Isabel logo que ouviu a voz :—Está presa a ordem do Dr. chefe de policia, principiou a gritar contra tudo, e todos ameaçando o urbano a ponto de empurrar-o ; este que vio que não podia com ella pediu soccorro, pouco depois apparecerão mais dois, á vista dos trez a hespanhola quiz ainda fazer resistencia mas vendo que nada podia fazer foi, mas sempre praguejando.

Assim que Eduardo vio os quatro dobrarem a primeira esquina, virou-se para o José e disse-lhe :

— Vou vestir-me para sahir ; se passar algum tilbury chama-o.

— Já sei que vae soltar a hespanhola !...

— Adivinhaste.

Pouco depois passava um tilbury, o José chamou o cocheiro e o veiculo ficou esperando á porta. Momentos passados Eduardo, vestido, desceu, entrou no carro e mandou seguir para a secretaria da policia onde, apeando, dirigio-se a guarda para saber quem estava de semana, disse-o serão que o Sr. Dr. Delegado, subio a ter com elle e relatou-lhe o que se tinha passado na rua da Quitanda, e acabou por pedir-lhe a soltura da delinquente.

Mal Eduardo tinha concluido, o Dr. Delegado tocou a campainha a cujo chamado veio um continuo a quem elle disse :

Logo que entre uma senhora á pouco presa na rua da Quitanda diga que a condução a minha presença.

Haverião vinte minutos que o continuo tinha

recebido a ordem da autoridade, quando fizerão entrada na sala a D. Isabel acompanhada pelos trez urbanos um dos quaes adiantando-se saudou com uma continencia o Dr. Delegado dizendo-lhe:

— As ordens de V. S.

— O que fez essa mulher ? perguntou o Delegado.

— Estava na rua da Quitanda em frente da casa n... atirando moedas de cobre para as janelas do primeiro andar com as quaes quebrou alguns vidros. — Intimei-a para retirar-se, mas, além de não obedecer, continuou a partil-os ; por essa razão prendi-a á ordem de S. Ex. o Sr. desembargador chefe de policia.

— Bem, deixem ficar a presa e vão para seus postos. Depois que os urbanos se retirarão virou-se para a hespanhola e perguntou-lhe : a senhora não tem pejo de andar a estas horas pelas ruas a quebrar vidros nas casas alheias ?

— Eu só os quebrei, porque esse senhor (apontou para Eduardo) não me quiz abrir a porta de sua casa !

— Mas que direito tem a senhora para obrigar o senhor abrir-lhe a porta ?

— Tenho muitos, sim senhor !

— Bom, pois então faça-os valer, mas não escangalhando as vidraças e fazendo barulhos.

— Vá agora para sua casa, e agradeça aqui ao senhor o não passar esta noite no xadrez, tome juizo que tem idade para isso e não se meta em outra ; vá em paz, e com Deos.

A D. Isabel comprimontou-o e só disse : obrigado, e muito boa noite, e retirou-se.

Eduardo depois de ter agradecido ao Dr. delegado sahio tambem.

Ao chegar á porta foi detido pela Isabel que agarrando-lhe no braço perguntou :

Para que veio, o senhor soltar-me depois de mandar-me prender ?

— Porque não quiz apezar do seu proceder que a senhora dormisse uma noite no xadrez.

— Mas que tinha o senhor com isso, se nem ao menos quer me attender quando lhe preciso fallar ?

— Bem, não fallemos mais nisso, vá para sua casa e deixe-me em paz.

— Isto não fica assim, o senhor ha de hir até á nossa casa.

— Para que Sra. D. Isabel ?

— Para me passar o recibo do dinheiro que entreguei ao seu amigo, o Sr. Silva, além disso tenho alguma cousa mais a dizer-lhe.

E' justo, e desculpe não lhe ter enviado o recibo pelo mesmo a quem entregou o dinheiro, felizmente está prompto e commigo ; e tirando a carteira do bolso, sacou o recibo que tinha mandado passar naquella tarde em nome della, entregou-lh'o dizendo : aqui o tem, adeos. Hia porém a entrar no tilbury quando ella de novo o deteve dizendo-lhe :

— Não continue a brincar commigo, venha até a casa do contrario arrepende-se.

— Não se torne além de inconveniente amoladora, contente-se com a lição de hoje e dê-se por satisfeita.

— Não ha lições para mim que me fação medo, já disse e repito : quero que fique bem commigo no caso contrario não responde por mim. Eduardo á vista daquella importunação sem fim, desembaraçou-se da hespanhola deu um pulo dentro do tilbury e gritou para b cocheiro que o estava esperando : toque a toda brida !

A hespanhola tentou, botar a mão ao freio do cavallo mas não podendo, ainda gritou : Vai malvado.

Eduardo logo que chegou a sua casa, contou tudo o que tinha havido com a D. Isabel ; quando concluiu o José tornou-se sério e disse : em-

quanto, o senhor, não fizer as pazes com ella tem de o incommodar muito, e quem sabe se não haverá mais de um escandalo.

— Não duvido, mas não sabes que tenho na minha mão remedio para isso?

— Tem um, ficar bem com ella.

— Era o que me faltava.

— Não lhe vejo outro meio.

— Amanhã o verás, vamos dormir que estou muito cansado.

E forão cada um para sua cama, e pouco depois resonavão como dois bemaventurados.

De manhã, Eduardo pedio ao Juca para depois de almoçar dirigir-se a casa de D. Isabel, e da parte d'elle offerecer-lhe dinheiro preciso para uma passagem, e seguir no primeiro vapor que hia para Buenos-Ayres, pois que mais de uma vez ella mostrou desejos de voltar para sua terra logo que estivesse de posse do que tinha penhorado pelas proprietarias do hotel.

— E se não aceitar?

— Nesse caso convence-a que se tornar a dar outro escandalo como o de horem não será simplesmente corrigida pela policia, obrigar-a-hei a sahir do Rio de Janeiro, e para não julgar que estou brincando que consulte com um bom advogado que terá melhores explicações.

— Vou até a casa de D. Isabel, o ponto está que ella aceite.

— Ella está por tudo que eu queira agora, vai, e não demores.

A hespanhola quando o José lhe transmittio as ordens de Eduardo recalcitou, mas por fim esteve por tudo.

Trez dias depois tinha Eduardo mandado tirar o passaporte, assim como mandou pagar passagem no *Gerente* e pelo José remetteu tanto o bilhete da passagem, como o passaporte.

A's oito horas da manhã do seguinte dia daquelle que enviou o bilhete da passagem, com o passaporte, Eduardo acordando ouviu o José conversando com outra pessoa perto do seu quarto ; facto este que muitas vezes se dava pois não era de estranhar em um escriptorio commercial ; não fez por isso o nosso heroe reparo, tratou de lavar-se e vestir-se, mas quando isso estava fazendo empurrarão a porta da alcova ; Eduardo virou-se e deu de cara com a hespanhola, a quem perguntou :

— Não embarca hoje ?

— Embarco porque não tenho outro remedio, mas creia que nunca tive uma paixão como a que sinto agora pelo senhor.

— Diz a senhora agora ?

— Sim, pois sou obrigada a confessal-o e como tenho de partir não preciso mentir.

— Ainda bem !...

— Confesso-lhe que gostava do senhor, mas pelo modo porque me castigou agora amo-o, e idolatro-o ; mas prometto-lhe voltar muito breve, quando sentir arrefecida a paixão que tenho; depois o senhor pagará tudo o que me tem feito.

— Está bem, a Sra. D. Isabel quer vingar-se de quem nunca lhe fez mal ?

— Vingar-me não, porque mulher alguma poderá ser vingativa com um cavalheiro como o senhor.

— Então para que volta ?

— Para lhe pagar com amor e carinhos a esmola que em meu nome deu á pobreza envergonhada.

Não volte por essa ninharia eu lhe peço.

Hei de voltar, e tambem mostrar-lhe que lhe devo muito, e se o conhecesse antes como agora o conheço, ninguem lhe seria mais fiel e dedicada, porém tudo se fará na minha volta, adeus Eduardo !...

— Adeus D. Isabel, estimo que seja muito feliz !

— Hei de sel-o na volta ; não me acompanha a bordo ?

— Não, porque os meus affazeres não o permitem, mas já pedi ao José não só para acompanhá-la, como também mandar conduzir a sua bagagem, e pagar as despesas.

— Mais essa obrigação que fico-lhe devendo, adeus Eduardo !

— Adeus D. Isabel !

E sahio a hespanhola acompanhada do Juca, ficando Eduardo no escriptorio até a volta do seu amigo, este logo que regressou foi lhe dizendo :

— A D. Isabel foi chorando desde que sahio d'aqui, até que me despedi a bordo, cortava o coração escutal-a !

— Então, o que dizia ?

Que o senhor, era um ente excepcional, que o amava muito, que havia de voltar breve, e se a não quizesse mais, se não enlouquecesse ou morre-se, com certeza se suicidava.

— E tu acreditaste nisso tudo ?

— Acreditei ; pois ella está realmente apaixonada !...

— Mas por mim ?

— Então por quem havia de ser ?

— Não continues a ser criança José, ella o que soube foi representar tão bem, a ponto de me illudir.

— Ao senhor ?

— Então a quem mais, quem pagou as despesas para ella partir, não fui eu ?

— Pode ser que assim seja mas de coração lhe declaro que, se a D. Isabel não vai apaixonada pelo senhor, eu juro porque ha de mais sagrado que não ha nem pode haver mulher que tenha paixão.

— Nesse ponto estás em erro, pois apesar de todas as mulheres terem paixões, ha um remedio mais infallivel que o Papa para fazel-as desapaixonaem-se.

— Diga qual elle é, Sr. Eduardo ?

— Basta o seu lindo amor fazer mudança para um cortiço da rua do Sabão da cidade Nova.

O José não podendo ficar sério deu uma gostosa risada e espontaneamente respondeu :

— E' verdade a hespanhola o sabe, e eu o affirmo.

— Felizmente que alguma cousa tens aprendido commigo !

— E' verdade, Sr. Eduardo, e beijo-lhe as mãos de agradecido !

Em quanto os dois assim dialogavão lá hia ~~barra~~ fóra a Isabel em demanda da terra natal, e alongando a vista de vez em quando para as praias do guanabara, de espaço em espaço passava o lenço nos olhos empenados de lagrimas.

A nossa amavel e sensivel leitora se a contemplasse naquelle soluçar nervoso, diria entre si — pobre mulher, e ao vel-a toda trajando de preto acrescentaria : coitada, talvez perdesse um ente querido como pai, mãe, ou esposo. No entanto enganava-se completamente, custa-nos a dizer-lhe, o que lhe trazia a tristeza ao semblante, o que lhe fazia verter lagrimas, não era nem a saudade, nem o amor de Eduardo mas puro e simplesmente o orgulho em toda sua plenitude por ter sido enganada desprezada e mais do que tudo illudida pelo nosso heroe.

Já vêem pois as complacentes leitoras não fallo (em geral) que a decifração das lagrimas, dos suspiros e tristezas nas mulheres resumem só e simplesmente, odio, odio, e odio.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).